



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



**Ederglenn Nobre Vieira Júnior**

**A ciência na obra de Kenneth Gergen**

**UBERLÂNDIA**  
**2018**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



**Ederglenn Nobre Vieira Júnior**

## **A ciência na obra de Kenneth Gergen**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Emerson F. Raserá

**UBERLÂNDIA  
2018**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



**Ederglenn Nobre Vieira Júnior**

**A ciência na obra de Kenneth Gergen**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Emerson F. Raserá

**Banca Examinadora**

Uberlândia, 22 de fevereiro de 2018

---

Prof. Dr. Emerson F. Raserá

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ

---

Dr. Pedro Pablo Sampaio Martins

Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, SP

---

Prof. Dra. Maristela de Souza Pereira (Examinadora suplente)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

**UBERLÂNDIA**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

V658c      Vieira Júnior, Ederglenn Nobre, 1989  
2018      A ciência na obra de Kenneth Gergen / Ederglenn Nobre Vieira  
            Júnior. - 2018.  
            107 p.

Orientador: Emerson F. Rasera.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.748>  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Construcionismo social - Teses. 3.  
Psicologia social - Teses. 4. Gergen, Kenneth J., 1934 - Teses. I. Rasera,  
Emerson F. (Emerson Fernando), 1972- II. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

---



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO JUNTO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.**

**Programa de Pós-graduação em Psicologia – PGPSI**

**Defesa de: Dissertação de Mestrado Acadêmico - nº 290/2018/PGPSI**

**Data: 22/02/2018**

**Hora de início: 09hs00min**

**Discente: Matrícula nº: 11612PSI007 Nome: Ederglenn Nobre Vieira Júnior**

**Título do Trabalho: “A ciência na obra de Kenneth Gergen”**

**Área de Concentração: Psicologia**


**Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais em Saúde e Educação**

**Projeto de Pesquisa de Vinculação: Do socioracionalismo a uma teoria relacional: O projeto construcionista social na obra de Kenneth Gergen**

Reuniu-se, na sala 2C46, do Campus Umuarama, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera, orientador do candidato; Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal (Membro Externo) e Prof. Dr. Pedro Pablo Sampaio Martins (Membro Externo). Ressalta-se que o Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal participou da defesa por meio de vídeo conferência realizada desde a cidade do Rio de Janeiro (RJ) e os demais membros da banca e a aluna participaram *in loco*.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu os conceitos finais. Em face do resultado obtido, a Banca considerou o candidato A **PROVADO**. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU. Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos às 11 horas e 32 minutos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.

  
Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal (Membro Externo)

  
Prof. Dr. Pedro Pablo Sampaio Martins (Membro Externo)

  
Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera (Presidente)

## **Agradecimentos**

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Emerson F. Raserá, meu orientador e apoiador nessa jornada. Obrigado, meu caro, por possibilitar que o desejo de crescer como psicólogo pesquisador possa ter caminhado sempre de mãos dadas com o desejo de crescer como pessoa. Nossa parceria no pesquisar se tornou uma parte fundamental de quem eu sou.

À Profa. Dra. Paula Cristina Medeiros Rezende, agradeço por ter se tornado um farol para cada passo que dou. Sua presença na minha vida me lembra quem eu quero me tornar.

Aos diversos professores e pesquisadores que de inúmeras maneiras me ajudaram na pavimentação do caminho percorrido até aqui. Em especial, ao Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal pelas valiosas contribuições como membro da banca.

Ao Dr. Pedro P. S. Martins pela escuta atenta e disponibilidade sempre genuína.

Em nome das professoras Dra. Anamaria Silva Neves e Dra. Maristela de Souza Pereira, agradeço a todos os importantes mestres e funcionários do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

À CAPES, pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa durante o primeiro ano do mestrado.

À minha família, pelo apoio incondicional às minhas escolhas.

Ao Jordhan, pela presença, carinho, suporte e paciência todos os dias.

Aos meus amigos, que sempre me lembram do que eu sou capaz e nunca desistem de mim, mesmo quando recluso nos estudos e escrita.

À Márcia Beatriz, pelo apoio e disponibilidade para revisão do texto.

Aos amigos da Unidade de Atendimento Integrado - Irmã Dulce (UAI Pampulha) e da Atenção Primária em Saúde de todo o Setor Sul de Uberlândia, por fortalecerem a minha crença em uma prática profissional possível e prazerosa.

Por último, agradeço ao Kenneth Gergen, que, além da indiscutível importância para essa pesquisa, influencia diariamente minhas práticas profissionais e meu jeito de estar no mundo.

*“As coisas me ampliaram para menos”*

Manoel de Barros, no Livro das Ignoranças



## **RESUMO**

Kenneth Gergen é um psicólogo americano que tem ocupado um lugar de destaque entre aqueles que, suspeitando das bases que historicamente sustentaram a psicologia enquanto ciência, passaram a buscar por alternativas para o seu fazer científico. Apesar de sua importância, existe certa escassez de estudos na literatura sobre as suas propostas teóricas e o desenvolvimento de seu pensamento ao longo de sua obra, sobretudo no contexto brasileiro. Nessa dissertação, propomos um estudo histórico conceitual cujo objetivo geral é analisar o discurso sobre a ciência na obra de Gergen. Especificamente, buscamos compreender a crítica à ciência construída ao longo da obra, identificando as diferentes propostas para a ciência psicológica desenvolvidas pelo autor, bem como suas transformações. Para a realização dessa tarefa, nos orientamos por uma perspectiva qualitativa de se produzir conhecimento, sustentada pela epistemologia construcionista social. Metodologicamente, essa pesquisa se baseia na noção de crítica interna proposta pelo próprio Gergen, que se organiza a partir da avaliação e reflexão das descrições e práticas propostas nas obras analisadas. A análise considerou os livros escritos por Gergen, bem como seus artigos relativos à temática da ciência, e a obra de alguns críticos e comentadores. A realização do estudo possibilitou identificar a centralidade e importância da proposta do construcionismo social para o autor, assim como de algumas das características de seus antecedentes e também os desenvolvimentos posteriores, destacando-se aí um período no qual Gergen se posicionou criticamente frente à epistemologia empírico-positivista, e um caminho mais recente traçado nas obras em direção à construção de uma ciência social performática. A investigação apontou ainda para o fato das obras analisadas não apresentarem grandes rupturas teóricas entre si, sugerindo a noção de um grande projeto de ciência que vem sendo construído e lapidado ao longo do tempo pelo o autor, caracteristicamente marcado por uma lógica que acompanha o formato: análise crítica, oposição e proposição. Espera-se que esses resultados da pesquisa possam continuar fomentando o debate nesse campo, convidando os leitores para a realização de investigações constantes sobre os modos de se fazer e pesquisar em Psicologia.

**Palavras-Chave:** Kenneth Gergen; Construcionismo Social; Psicologia Social

## **ABSTRACT**

Kenneth Gergen is an American psychologist who has occupied a prominent place among those who, suspecting the bases that have historically supported psychology as a science, started to search for alternatives to their scientific work. Despite its importance, there is a dearth of studies in the literature about its theoretical proposals and the development of its thinking throughout its work, especially in the Brazilian context. In this dissertation, we propose a conceptual historical study whose general objective is to analyze the science discourse in Gergen's work. Specifically, we seek to understand the criticism of science constructed throughout the work, identifying the different proposals for psychological science developed by the author, as well as their transformations. We were guided by a qualitative perspective of producing knowledge, sustained by social constructionist epistemology. Methodologically, this research is based on the notion of internal criticism proposed by Gergen himself, which is organized from the evaluation and reflection of the descriptions and practices proposed in the work analyzed. The analysis considered the books written by Gergen, as well as his articles on the subject of science, and the works of some critics and commentators. The realization of the study made it possible to identify the centrality and importance of the proposal of social constructionism for the author, as well as some of the characteristics of its antecedents and also the later developments, highlighting a period in which Gergen posed critically against empirical-positivist epistemology, and a more recent path traced in his work toward the construction of a performative social science. The research also pointed to the fact that the works analyzed do not present great theoretical ruptures among themselves, suggesting the notion of a great science project that has been constructed and lapidated over time by the author, characteristically marked by a logic that accompanies the format: critical analysis, opposition and proposition. It is hoped that these research results may continue to foster debate in this field, inviting readers to conduct ongoing research on ways of doing and researching in Psychology.

**Keywords:** Kenneth Gergen; Social Constructionism; Social Psychology

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>2</b>
<b>Capítulo 1 – Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 2 – Notas sobre a história da psicologia social americana .....</b>	<b>17</b>
2.1. <i>O início do século e a ascensão do experimentalismo .....</i>	20
2.2. <i>O comportamento no centro das atenções .....</i>	26
2.3. <i>A crise da psicologia social .....</i>	29
<b>Capítulo 3 – O empirismo positivista e o socioracionalismo .....</b>	<b>33</b>
3.1. <i>O experimentalismo em questão .....</i>	33
3.2. <i>A psicologia social como história .....</i>	37
3.3. <i>A transformação do conhecimento e o socioracionalismo .....</i>	42
<b>Capítulo 4 – O construcionismo social .....</b>	<b>50</b>
4.1. <i>Alguns pressupostos construcionistas sociais .....</i>	52
4.2. <i>O movimento construcionista social em uma perspectiva histórica .....</i>	55
4.3. <i>Algumas consequências do construcionismo social para a ciência psicológica ....</i>	58
<b>Capítulo 5 – Em direção a uma ciência social performática .....</b>	<b>66</b>
5.1 <i>A objetividade científica em erosão .....</i>	67
5.2 <i>Por uma prática científica voltada para os relacionamentos .....</i>	71
5.3 <i>Propondo uma ciência como performance .....</i>	77
<b>Capítulo 6 - Tendências, tensionamentos e algumas reflexões .....</b>	<b>85</b>
6.1. <i>Um projeto de ciência em transformação .....</i>	89
6.2. <i>Algumas consequências internas e externas .....</i>	90
6.3. <i>Entre desafios e possibilidades .....</i>	92
<b>Referências .....</b>	<b>94</b>

## **Apresentação**

Com certeza, toda investigação em ciência social é minimamente performática. Isso é, quando apresentamos nosso trabalho para os outros, nós estamos ‘no palco’ (Gergen & Gergen, 2012, p. 12).

Começo a escrever essa dissertação confiante de que todo processo de produção de conhecimento é, na verdade, uma tarefa coletiva e situada. Tenho convicção de que a história que pretendo contar aqui poderia ser contada de várias outras formas, caso outras pessoas, em outros lugares e em outros momentos, se engajassem em realizá-la. Essa convicção, além de tornar o processo de escrita menos solitário, reforça meu desejo de prestar reconhecimento ao lugar a partir do qual eu falo, às pessoas com quem eu já conversei, àquelas com as quais apreendi, e, principalmente, àquelas nas quais penso quando me debruço sobre essa atividade e as imagino como interlocutores.

Por isso, me parece importante iniciar contando um pouco sobre a minha própria trajetória e de que forma ela me trouxe até aqui, sentado diante de um computador, cercado por notas e tabelas, livros e impressos, a maioria deles tendo pelo menos uma expressão em comum: o construcionismo social. Recordo-me, com clareza, a primeira vez que li essa expressão, em meados do ano de 2012, enquanto cursava o quarto período do curso de psicologia, quando, em uma conversa com a professora Dra. Paula Cristina Medeiros, ela me sugeriu algumas leituras diante do meu interesse por pesquisa. Dentre elas estava o artigo *O pesquisador conversador no cotidiano* e o livro *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*, respectivamente de Peter Spink e Mary Jane Spink. Lembro-me de que a leitura do artigo de Peter Spink foi para mim como a abertura de uma porta que até então eu desconhecia na psicologia: a possibilidade de se pesquisar fora de uma lógica positivista e experimentalista. O livro organizado por Mary Jane Spink funcionou como o caminho que estava diante dessa

porta, me apresentando, inclusive, o construcionismo social e a obra de Kenneth Gergen.

Conforme fui ampliando minhas leituras sobre o tema, ampliava-se também o meu questionamento sobre a psicologia que eu estava aprendendo na graduação e crescia meu interesse por aspectos que até então desconhecia naquilo que estudava. As ideias construcionistas sociais me convidavam constantemente a repensar descrições da realidade e práticas nas quais me via envolvido. Encantava-me perceber que haviam tantas diferentes formas de se pensar e fazer a psicologia e como essas diferenças possuíam raízes profundas e consequências complexas.

Alguns meses depois, uma surpresa agradável: o professor Dr. Emerson F. Rasera abre processo seletivo para um projeto de pesquisa sobre a difusão do movimento construcionista social no Brasil. Sou selecionado para o projeto e passo os próximos anos da minha graduação estudando de modo mais sistemático esse movimento e, inevitavelmente, a importância de Kenneth Gergen para ele.

Mais adiante, o projeto de pesquisa deu lugar ao meu trabalho de conclusão do curso de graduação, e, no ano seguinte, inspirou a escrita do meu projeto de mestrado. Essa experiência não só me aproximou da história do movimento construcionista social, seus pressupostos e articulações, como me permitiu entender um pouco sobre como os processos de construção de conhecimento e a organização da comunidade científica estão articulados. A pesquisa me possibilitou conhecer as principais publicações sobre o tema, os autores mais influentes e o modo como suas ideias estavam contribuindo para a transformação do movimento construcionista social no cenário brasileiro.

Nesse processo, além de perceber a influência de Kenneth Gergen para o desenvolvimento do movimento construcionista social, também pude me conscientizar

da riqueza de sua obra, da pluralidade de temas que ela alcançava e a dimensão de sua influência para a psicologia e também para a ciência em geral.

Ao todo, foram quase quatro anos de formação, nos quais as leituras e discussões sobre a obra de Gergen e o movimento construcionista social influenciaram minha aprendizagem, meus relacionamentos e, principalmente, o meu processo de formação como psicólogo e pesquisador. De toda essa jornada, talvez aquilo que mais tenha me marcado foi a forma como as ideias construcionistas produziam mudanças radicais no meu próprio entendimento do que era a psicologia e a prática de pesquisa. Essa dissertação é fruto dessa influência e de meu interesse em compreender de modo mais sistematizado as suas características.

O meu interesse foi expandido e lapidado quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, no início de 2016. Durante as sessões de orientação junto ao meu orientador Emerson Raser, esse me apresentou o seu projeto de pesquisa denominado ‘Do socioracionalismo a uma teoria relacional: o projeto construcionista social na obra de Kenneth Gergen’ (Raser, 2015), que possuía como objetivo geral analisar a construção do projeto construcionista social na obra de Kenneth Gergen. A leitura do projeto e as orientações me ajudaram a me situar e a definir meus objetivos de pesquisa.

Neste trabalho realizo um estudo histórico conceitual sobre o discurso científico na obra de Gergen. Especificamente, me volto para a crítica à ciência construída ao longo da obra, buscando identificar as diferentes propostas para a ciência psicológica desenvolvidas pelo autor. Baseado na noção de crítica interna proposta por Gergen (1997), me volto para um conjunto de textos específicos publicados por ele, bem como para a bibliografia complementar, colocando-me atento às metáforas, às construções

narrativas e aos processos por meio dos quais os conceitos vão sendo apresentados e desenvolvidos (Gergen, 1999).

Desse modo, o texto se organiza a partir de quatro capítulos. No capítulo introdutório, além de apresentar formalmente os objetivos da pesquisa, descrevo os critérios utilizados para a definição do percurso metodológico e faço uma breve apresentação da trajetória acadêmica e profissional de Kenneth Gergen.

No capítulo dois apresento algumas notas sobre a história da psicologia social americana. É propício ressaltar que concordo com autores como Samelson (1974), Farr (2001) e Greenwood (2008) quando dizem que a história da psicologia social é uma história que ainda está por ser escrita, e que, portanto, o empreendimento que aqui busco realizar não se trata de uma tentativa nessa direção. Ao contrário, trata-se muito mais de uma busca por identificar, nas diversas narrativas existentes sobre o assunto, na literatura, algumas das questões consideradas importantes por aqueles que anteriormente já se atreveram a se aproximar desse intento e que contribuíram para o entendimento sobre como tantos diferentes modos de se fazer psicologia social foram sendo possibilitados, inclusive aqueles propostos por Gergen.

Olhar para a história de uma disciplina, como a psicologia social, ou mesmo de um movimento intelectual, como o construcionismo social, é sempre uma tarefa delicada. Farr (2001), de forma bastante minuciosa, chamou atenção para o risco implícito de se escolher ancestrais ou identificar fundadores para as disciplinas psicológicas. Esse risco estaria não só no fato de que essas escolhas poderiam carregar a filosofia da ciência preferida daquele que faz a escolha, como no perigo de se simplificar as ideias, os conceitos e as teorias expostas, não levando em consideração o relacionamento dos autores eleitos com o restante das ideias com as quais eles estariam envolvidos em suas épocas. De forma muito parecida, investigações históricas voltadas

para o *zeitgeist* ou para os paradigmas dominantes também estariam sujeitos a diferentes vieses.

Para Farr (2001), o ideal seria a produção de uma história da psicologia social que fosse internacional e interdisciplinar, cujas distinções feitas entre o passado da disciplina e o seu presente não estivessem tão estritamente ligadas a uma filosofia da ciência específica. Ainda que eu concorde com o autor no que se refere ao fato de que a nossa filosofia da ciência influencia nossas escolhas e que o passado é sempre reconstruído a partir da perspectiva presente, espero que fique evidente, nas próximas páginas, conforme a epistemologia construcionista seja apresentada, que discordamos quanto à possibilidade de se produzir qualquer forma de conhecimento desconectado da filosofia de ciência que nos sustenta.

Também espero mostrar ao leitor que o movimento construcionista social ainda não forneceu (e não me parece querer fornecer) uma filosofia de ciência específica, pronta e acabada, a partir da qual as investigações nas ciências sociais deveriam ser realizadas. Minha tese inicial é que as transformações ocorridas na visão de ciência ao longo da obra de Gergen apontam justamente para o processo não só de constituição, mas, também, de constante transformação, de uma filosofia da ciência *possível*. Essa tese me ajuda a justificar minhas escolhas narrativas sobre a história da psicologia social e do próprio movimento construcionista social, assim como reconhecer as consequências que elas provocam na versão da história que apresento.

Em *Playing with Purpose: Adventures in Performative Social Science* (Gergen & Gergen, 2012), uma de suas publicações mais recentes, escrita e publicada em coautoria com sua esposa Mary Gergen, Gergen revisita um pouco de sua história pessoal e chama atenção para diferentes momentos de seu envolvimento com a ciência social ao longo de sua carreira. Esse relato é importante, pois apresenta ao leitor como,



para o próprio Gergen, determinados eventos e experiências de vida foram transformando e influenciando sua visão de ciência e o seu modo de se envolver com as práticas científicas.

Para a composição das narrativas que apresento no capítulo introdutório sobre a história da psicologia social, utilizo, como norte, algumas passagens desse relato. É o caso das histórias sobre a participação de Gergen dentro de uma tradição empirista de se produzir conhecimento e fazer ciência psicológica nos anos iniciais de sua carreira, o modo como essa atuação foi contribuindo para o seu descontentamento com a retórica de verdade aí construída, até seu reconhecimento da impossibilidade de se produzir um conhecimento sobre a natureza humana.

Esse relato também contribui para a construção dos capítulos seguintes intitulados “O empirismo positivista e o socioracionalismo”, “O movimento construcionista social” e “Em direção a uma ciência social performática”, nos quais me volto para o projeto de ciência proposto pelo autor a partir de três momentos significativos presentes em sua trajetória intelectual. Essa forma de organização busca colaborar para o entendimento dos desenvolvimentos e transformações que fomentaram a construção da crítica científica e do projeto de ciência proposto pelo autor, tratando-se de uma divisão meramente analítica que também pretende ser coerente com a proposta de Gergen (1973) de tomar a psicologia social como história (Rasera, 2015).

Essa divisão analítica possui também como característica o fato de posicionar a proposta do construcionismo social como um momento central para a obra de Gergen, colaborando com a compreensão de seus antecedentes e desenvolvimentos.

Assim, diante da escassez de estudos sobre as propostas teóricas de Kenneth Gergen, sobretudo no Brasil, minha expectativa é que esse trabalho possa contribuir não só para o desenvolvimento e ampliação do debate interno à comunidade ligada ao

movimento construcionista social, fornecendo reflexões sobre sua construção e desenvolvimento, reconhecendo suas possibilidades e limites, como também ampliar o debate sobre os próprios processos de produção de conhecimento na ciência psicológica como um todo.

## Capítulo 1 – Introdução

As últimas décadas foram palco de importantes transformações no modo de se compreender o funcionamento da ciência. Autores como Thomas Kuhn, Bruno Latour, Steve Woolgar e Karin Knorr Cetina podem ser citados como alguns daqueles que contribuíram para mostrar como a história, o social e a cultura são importantes para a constituição e o desenvolvimento das práticas em ciência, principalmente ao problematizarem a organização da comunidade científica, os relacionamentos estabelecidos entre os cientistas e sua relação com o mundo não acadêmico.

Em meados da década de 1960, a publicação de *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, por Peter Berger e Thomas Luckmann (Berger & Luckmann, 1978) também pode ser apontada como marco para a proliferação dos debates e das críticas sobre os pressupostos da pesquisa científica, ao trazer à tona o problema da construção social da realidade a partir dos alicerces do conhecimento na vida quotidiana, tornando-se uma obra fundamental para mostrar o caráter histórico e social dos processos que legitimam as práticas científicas. Uma parte importante da psicologia sofreu grande influência dessas transformações, impulsionando seus autores e pesquisadores a, cada vez mais, questionar os seus limites, funcionamento e potencialidades.

O americano Kenneth Jay Gergen tem ocupado um lugar de destaque entre aqueles que, suspeitando das bases que historicamente sustentaram a psicologia enquanto ciência, passaram a buscar por alternativas para o seu fazer científico. Nas últimas quatro décadas, suas obras ajudaram a liderar debates que colaboraram para reorientar as teorias e as práticas de pesquisa no interior da disciplina, inspirando um

número cada vez maior de pesquisadores e profissionais a desafiar os limites pré-estabelecidos de suas atividades e campos de estudo.

Gergen é um psicólogo americano que fez sua graduação na Universidade de Yale (1953-57) e o doutorado na Universidade Duke (1959-62). Após passar quatro anos como Professor Assistente de Psicologia Social na Universidade de Harvard (1963-1967), se estabeleceu, em 1967, como Professor, no Departamento de Psicologia no Swarthmore College, no estado da Pensilvânia, ao qual permanece vinculado até os dias atuais.

Ao longo de mais de 50 anos de carreira, ele publicou 38 livros (entre obras próprias e organização de coletâneas) e aproximadamente 530 textos, entre artigos, capítulos de livro, prefácios e comentários. Um ponto de destaque na carreira de Gergen foi a publicação do artigo *A psicologia social como história*, de 1973, no qual o autor questionou os pressupostos da psicologia social, diferenciando-a das ciências naturais e chamou atenção para o impacto da ciência no comportamento humano e para a importância da história nesse processo.

Além disso, Gergen também tem sido identificado como um dos principais articuladores de um discurso construcionista social em psicologia (Burr, 1995; Hibberd, 2005). O construcionismo social, como veremos mais detalhadamente no quarto capítulo, pode ser descrito como um movimento intelectual no campo da psicologia que sustenta uma perspectiva social do processo de produção de conhecimento (Spink, 1999; Raser & Japur, 2004).

Pautado em críticas sociais, ideológicas e retórico-literárias sobre os modos tradicionais do fazer científico, o construcionismo social propõe uma ênfase sócio-histórica para as práticas de análise dos processos de produção do conhecimento e afirma o caráter performático e a natureza relacional da linguagem em seu impacto na

construção da realidade (Gergen, 1997). Segundo Gergen (1985), “a pesquisa construcionista social se volta, principalmente, para a explicação do processo por meio do qual as pessoas descrevem, explicam, ou dão conta do mundo em que vivem (incluindo elas mesmas)” (p. 266). Esse modo de pesquisa busca articular os entendimentos que as pessoas possuem e compartilham, tanto no presente, quanto no passado, oferecendo uma reformulação da noção de conhecimento.

Para o pesquisador sensível às ideias construcionistas, o conhecimento passa a ser compreendido como resultado dos processos relacionais (Gergen, 2009), de modo que a validade do conhecimento científico deixa de ser tomada como produto de uma possível correta observação da realidade, reorientando-se para a valorização da compreensão dos processos sociais de comunicação e negociação realizados no interior da comunidade científica. Assim, defendendo que todo processo de produção de conhecimento é uma prática social, o foco do cientista volta-se para a reflexão sobre o contexto de produção desse conhecimento, buscando reconhecer suas marcas históricas e sociais.

Gergen e o discurso construcionista social têm colaborado para desafiar suposições predominantes sobre a geração e a função do conhecimento científico. Ao explorar algumas de suas visões alternativas, sugere uma ameaça para alguns dos compromissos de longa duração estabelecidos pelas práticas científicas tradicionais, colocando em questão noções como a de objetividade, a crença na busca pela verdade por meio da ciência, a aposta fundamental na razão e a predominância do individualismo. Ao longo dos anos, o autor destacou-se como um importante teórico da psicologia, para o qual a discussão sobre a ciência, o papel da teoria e, sobretudo, a investigação epistemológica, caracterizam-se como focos centrais de interesse.

Apesar da importância de Gergen para essas transformações, existe certa escassez de estudos na literatura sobre suas propostas teóricas e o desenvolvimento de seu pensamento ao longo de sua obra, sobretudo no contexto brasileiro. Nesse sentido, faz-se necessária uma investigação sistemática sobre essa crítica e sobre a proposta científica construída pelo autor. Uma tarefa nessa direção poderá contribuir não só para fomentar a constante análise do funcionamento da psicologia enquanto ciência, como para ampliar os entendimentos sobre o lugar ocupado pela obra do autor, suas possibilidades e limites.

Nesta dissertação propomos um estudo histórico conceitual cujo objetivo geral é analisar o discurso sobre a ciência na obra de Gergen. Especificamente, buscamos compreender a crítica à ciência construída ao longo da obra, identificando as diferentes propostas para a ciência psicológica desenvolvidas pelo autor, bem como suas transformações.

Para a realização dessa tarefa, nos orientamos por uma perspectiva qualitativa de se produzir conhecimento, sustentada pela epistemologia construcionista social. A epistemologia construcionista colabora com a pesquisa qualitativa no sentido de reafirmar a crítica à tradição positivista e ao redimensionamento de critérios como o de objetividade, rigor metodológico e, sobretudo, do modo de se compreender o processo de produção do conhecimento.

Metodologicamente, essa pesquisa se baseia na noção de crítica interna proposta pelo próprio Gergen (1997), que se organiza a partir da avaliação e reflexão das descrições e práticas propostas, buscando, por meio de uma postura de desconstrução, tornar explícito seu caráter construído. Trata-se de uma tarefa analítica que não se orienta por procedimentos operacionais específicos ou determinados de modo prévio, mas que volta sua atenção para a linguagem usada pelos cientistas e para o modo como

essas funcionam de forma pragmática no favorecimento de determinadas formas de atividades sociais e em detrimento de outras.

Nessa proposta metodológica, o pesquisador se volta para um conjunto de textos específicos, buscando colocar-se atento às metáforas, às construções narrativas e aos processos por meio dos quais os conceitos que sustentam o conhecimento produzido vão sendo desenvolvidos (Gergen, 1997). Esse tipo de análise, segundo Gergen (1997), desafia a racionalidade e a objetividade na medida em que possibilita o enfrentamento de seu poder persuasivo, corroendo o caráter de generalidade das verdades universais e abrindo espaço para novas possibilidades de compreensão da realidade e dos relacionamentos. O principal desafio para o analista passa a ser a identificação tanto das formas particulares de figuração literária que vão dando sentido para as explicações quanto das forças retóricas utilizadas para a realização dessa tarefa.

Considerando-se o objetivo da pesquisa, para a seleção das obras que compõem o corpus analisado, priorizou-se a escolha de livros e artigos publicados por Gergen, que, de alguma forma, voltavam-se para a construção do projeto construcionista social, e, conseqüentemente, para a produção da crítica sobre o caráter da investigação psicológica, da natureza da ciência em geral e do projeto científico que foi sendo constituído a partir daí. Além disso, literatura complementar foi incorporada ao corpus com o objetivo de compreender o ponto de vista de alguns de seus comentadores e críticos, o contexto social e acadêmico no qual sua obra está inserida e os diálogos com outros de seus textos (incluindo, especialmente, livros editados e entrevistas).

Grande parte do trabalho de Gergen caracteriza-se pela publicação de ensaios teóricos em formato de artigos, que foram organizados em livros para publicações subsequentes. Nessa pesquisa, optamos por priorizar os textos publicados nesse último formato, e, em função da inexistência de periodizações pré-existentes na literatura sobre

a sua obra, escolhemos prosseguir com a análise buscando respeitar, na medida do possível, sua cronologia de publicação. Com essa escolha, tentamos nos aproximar das transformações ocorridas em suas produções ao longo dos anos, bem como identificar momentos significativos em sua trajetória intelectual, considerando os principais debates promovidos na comunidade científica (Rasera, 2015).

Antes de apontar algumas das obras que marcaram esses momentos significativos, é importante chamar atenção para o fato de que, embora o foco principal deste trabalho seja a análise do discurso científico construído por Gergen ao longo dos anos, de forma bastante pontual, busquei apresentar, em alguns momentos, nos capítulos seguintes, o modo como as publicações do autor foram recebidas pela comunidade científica, incluindo algumas críticas produzidas por autores como Ian Parker (1989, 1998) e Vivian Burr (1998). Embora essas inclusões ajudem a entender o modo como as propostas de Gergen estavam sendo tratadas, elas não esgotam importantes críticas que têm sido produzidas ao longo dos anos em relação ao movimento construcionista social e ao próprio Gergen.

A identificação dessas críticas na literatura sobre o tema reforça a importância do papel desempenhado por Gergen nos últimos anos, no sentido da transformação da ciência social e a urgência de refletirmos sobre o processo de construção de suas propostas teóricas e o desenvolvimento do pensamento em sua obra. Ainda assim, uma análise profunda das críticas produzidas em relação ao movimento construcionista social e à obra de Gergen fugiria ao escopo do presente trabalho. No entanto, a expectativa é que a pesquisa realizada e agora apresentada possa fornecer um terreno fértil para o desenvolvimento de futuras investigações, incluindo aí, por exemplo, uma análise das críticas produzidas nas últimas décadas e do diálogo estabelecido por Gergen com seus principais articuladores.



No processo de seleção das obras, entre os primeiros anos de atuação de Gergen, que compreendem desde os debates críticos produzidos pelo autor a partir de uma atuação marcada pelo empirismo positivista até a proposta do socioracionalismo, foram analisadas as obras *A psicologia do intercâmbio do comportamento*, de 1969, e *Toward Transformation in Social Knowledge*, de 1982, bem como os artigos científicos *A psicologia social como história* (1973), *Experimentation in Social Psychology: A Reappraisal* (1978a), *Toward Generative Metatheory* (1978b) e *An Alternative Metatheory for Social Psychology* (Gergen & Morawski, 1980).

O artigo *The social constructionist movement in modern psychology*, de 1985, dá início a uma importante mudança nas publicações do autor ao apresentar a proposta do construcionismo social. Somamos à análise desse período uma série de publicações dos anos seguintes que foram organizadas no livro *Realities and relationships: Soundings in social construction* (1994) e também a publicação de *An invitation to social construction*, de 1999. Para a compreensão da dimensão dessa proposta, também contamos com a leitura de textos complementares, como entrevistas concedidas pelo autor nas quais analisa os impactos e limites de sua proposta.

Concluem o corpus analisado as publicações mais recentes do autor que serviram para pavimentar em suas obras o caminho em direção a uma ciência social performática. Trata-se dos livros *Relational being: beyond self and community*, publicado em 2009 e *Playing with purpose: Adventures in performative social Science*, de 2012, publicado em coautoria com Mary Gergen. Como veremos, juntamente com alguns dos artigos mais recentes publicados por Gergen, essas publicações representaram uma importante mudança na proposta do autor ao privilegiarem o fornecimento de um acervo de recursos para os pesquisadores interessados no potencial performático das ciências sociais.

A expectativa é que a realização da análise aqui proposta possa contribuir não só para o entendimento da materialidade da produção do autor, considerando as condições históricas a partir das quais ele se desenvolve, bem como fomentar a difusão das ideias construcionistas sociais no país e o próprio debate sobre as bases e o funcionamento da psicologia como ciência. Para isso, o próximo capítulo apresenta algumas notas sobre a história da psicologia social americana.

## Capítulo 2 – Notas sobre a história da psicologia social americana

Direcionar o meu olhar para a história de uma disciplina, como a psicologia social, é uma tarefa que busco realizar atentando-me para os seus inúmeros desafios. Além dos riscos de se escolher fundadores e o perigo ainda maior de simplificação de suas ideias (Farr, 2001), me deparo ainda com a desafiadora tarefa de contar uma história buscando não a naturalizar. Para isso, o ideal talvez seria conseguir reunir aqui um relato ou análise sobre *as histórias das psicologias sociais americana*, reconhecendo, de antemão, a impossibilidade de contar uma história exata e verossímil sobre fatos e eventos passados e destacando a pluralidade de diferentes práticas e discursos que foram e estão sendo, constantemente, produzidos no interior e fora da disciplina.

Caso tentasse realizar essa tarefa, acredito que, ainda assim, esbarraria no fato de essas histórias não se encontrarem prontas ou acabadas. Ao contrário, os próprios acontecimentos que as compõem ainda estão sendo diariamente performados por seus atores, e as narrativas sobre como esses acontecimentos se dão estão sendo contadas e recontadas, tanto por aqueles que se identificam como participantes nas ações em curso, quanto pelos que se consideram mais preparados para a realização da tarefa de relatá-los como espectadores atentos e críticos.

Aqueles que se arriscassem a contar uma história sobre a psicologia social precisariam estabelecer ligações entre as práticas científicas que foram sendo desenvolvidas, as teorias que as sustentaram, e, principalmente, as relações que possibilitaram e influenciaram as ações dos pesquisadores. Por fim, precisariam de um senso crítico aguçado para reconhecer as suas próprias influências e de que forma elas vão contribuindo para suas escolhas analíticas e retóricas. Tudo isso porque a tarefa de

contar a história de uma disciplina, como de todas as histórias, é uma atividade relativa, que depende de quem a conta, quando conta e dos motivos a partir dos quais se dedica a realizá-la.

Ao longo dos trabalhos publicados por Gergen é possível identificar diversos momentos nos quais o autor escolhe falar sobre a história da psicologia social a partir de uma perspectiva autobiográfica – ver, por exemplo, Gergen (1996, 2012). São passagens nas quais o autor se dedica, de forma mais explícita, a contar ao leitor como acontecimentos e as vivências pessoais colaboraram para transformar sua relação com a disciplina e influenciaram nas suas escolhas profissionais. Nesses relatos são apresentados pressupostos que, em momentos específicos, estavam servindo de orientadores para as práticas nas quais o autor estava envolvido, os acontecimentos que o levaram a questionar esses pressupostos e quais os desdobramentos (pessoais e relacionais) que esses questionamentos provocaram.

Esses relatos parecem confirmar a impossibilidade (e, talvez, falta de interesse do mesmo) de se apresentar um relato coerente e estático sobre o próprio envolvimento de Gergen com a história da psicologia social dentro de sua obra. Chama a minha atenção, por exemplo, perceber um autor que ora se mostra dedicado ao desenvolvimento de alguns pressupostos do projeto empirista (Gergen, 1969), ora descreve esse mesmo período como repleto de incômodos e questionamentos já formulados (Gergen, 2012). Assim, o exercício autobiográfico de Gergen não só me convida a suspeitar da possibilidade de se contar uma história verdadeira sobre a psicologia social, como a questionar a própria noção de história.

Dito isso, essa suspeita ainda produz questionamentos e amplia minha curiosidade sobre os diferentes modos de se falar sobre os momentos históricos nos quais as publicações de Gergen foram produzidas. Assim, passei a procurar, na

literatura sobre o tema, convergências e distanciamentos entre os diferentes modos de se falar sobre o passado, como uma forma de me orientar no entendimento da materialidade da obra do autor. Essa tarefa, embora contribua para confirmar o caráter construído da literatura sobre a disciplina, me ajuda a identificar algumas das narrativas que têm sido privilegiadas pelos pesquisadores da história da psicologia social. Escolho me aprofundar naquelas que dialogam com os relatos autobiográficos de Gergen, construindo o que chamo de “três notas sobre a história da psicologia social” e que apresento nesse capítulo.

Na primeira dessas notas focalizo, dentre as histórias sobre o início do século passado, alguns dos acontecimentos que os autores dos quais me aproximei consideram importantes para a ascensão do experimentalismo na América. Algo que, como já anunciei, não só parece ter influenciado as práticas profissionais de Gergen no início de sua carreira, como também produziu importantes questionamentos e incômodos. Na sequência, chamo atenção para o momento em que o comportamento passa a ocupar o centro das atenções de diversos psicólogos, momento esse que parece ter influenciado Gergen a aprofundar seu interesse pela linguagem, já que, como veremos a partir do relato dele mesmo, é nesse momento que ele começa a perceber como a ação dos cientistas dentro de uma comunidade (seus relacionamentos, seu modo de agir e linguagem em uso) influenciaria no conhecimento produzido. Por fim, apresento uma nota sobre o período que ficou conhecido na literatura por ter sido palco do desenrolar de uma crise entre os psicólogos sociais. Como tentarei mostrar, é nesse período que Gergen ganha destaque entre seus pares ao produzir perguntas sobre os rumos que a psicologia social seguia.

### *2.1. O início do século e a ascensão do experimentalismo*

Meus dias na escola – desde a primeira série até a pós-graduação – foram recheados com “é”<sup>1</sup>. Isto é a verdade, é a resposta correta, é um bom raciocínio, e, assim por diante. O conhecimento poderia ser apresentado a partir de uma série de proposições. Educação era sobre dominar as proposições. Quando cheguei a pós-graduação, eu tinha acumulado um tesouro de “és”. (Gergen & Gergen, 2012, p. 22).

Gergen, como podemos perceber no relato acima, ao revisitar seu passado e a história de sua formação como pesquisador, descreve as vivências de um contexto educacional fortemente marcado pela preocupação em se produzir descrições e explicações verdadeiras sobre a realidade. A sua formação como psicólogo e seus primeiros anos profissionais, como espero mostrar no terceiro capítulo, não escaparam da influência dessas marcas, que possuem raízes em uma série de acontecimentos que foram fornecendo as condições possíveis para a construção e configuração da maioria dos cursos de graduação e programas de pós-graduação em psicologia nos Estados Unidos. Dentre esses acontecimentos está o fortalecimento da filosofia positivista e o modo como o experimentalismo se difundiu entre os psicólogos americanos no início do século passado.

A literatura sobre a história da psicologia social americana destaca a realização dos trabalhos do alemão Wilhelm Wundt, cujos estudos experimentais dos processos de consciência humana colaboraram para o delineamento de algumas das principais características que, ainda hoje, orientam os fazeres no campo dessa ciência, como um marco para o desenvolvimento desses acontecimentos (Farr, 2001; Greenwood, 2008). Em meados de 1880, Wundt foi responsável por efetivamente criar, não só o primeiro laboratório de psicologia, como também o primeiro programa acadêmico voltado para a

---

<sup>1</sup> “(...) stuffed with ‘is’” no original.

análise da experiência humana imediata (em oposição à experiência mediada). Essa empreitada alimentou uma forte tradição na ciência psicológica de se aplicar métodos experimentais na investigação dos estados de consciência individuais por meio de atividades realizadas em laboratórios.

No entanto, outro aspecto fundamental dos estudos de Wundt foi o reconhecimento da importância de se incorporar o caráter social dos estados de consciência e do comportamento em suas pesquisas, mesmo que de modo suplementar. Esse reconhecimento resultou em um movimento presente em suas produções mais tardias, no qual a cognição, as emoções e os comportamentos, embora ainda tomados como notórios produtos mentais, seriam fundamentados na existência no interior dos grupos aos quais pertenciam os sujeitos individuais. Para alguns autores, esse movimento, a *Volkerpsychologie*, já era uma forma de psicologia social<sup>2</sup>, e o seu completo reconhecimento também pôde ser identificado nas obras de alguns dos discípulos de Wundt, que, inclusive, já sugeriam que talvez se tratasse de uma ciência totalmente à parte da psicologia, dado sua completude e complexidade (Greenwood, 2004).

Apesar da importância do contexto alemão para o desenvolvimento do sistema universitário no mundo e, mais especificamente, para a emergência e consolidação da psicologia enquanto ciência, a mesma se desenvolveu, de forma institucional, de modo muito mais veloz no continente americano (Greenwood, 2008). E, embora grande parte dos psicólogos americanos responsáveis por esse processo tenham se formado na Alemanha, orientados por Wundt, a psicologia na América acabou por adequar a nova

---

<sup>2</sup> Wundt utilizou a expressão alemã *Volkerpsychologie*, cuja tradução para o inglês, e, respectivamente, para o português, pode variar, também aparecendo como “psicologia dos povos” e “psicologia cultural”.

ciência aos seus interesses e demandas. Nesse processo, poucos estudantes retornaram para o continente americano entusiasmados com os estudos da *Volkerpsychologie* enquanto uma ciência distinta. Para Greenwood (2004), iniciou-se aí um movimento que acabaria por resultar na negligência da dimensão social dos estados psicológicos por grande parte dos psicólogos americanos nas décadas seguintes.

Farr (2001), ao investigar a emergência da psicologia na Alemanha e seus desdobramentos enquanto ciência natural e social, mostra como esse se trata de um processo complexo, consequência de um contexto muito mais amplo. O autor mostra que essa complexidade — inclusive material, já que a própria forma de organização e funcionamento do sistema universitário alemão implicaria em consequências para o modo como os americanos compreenderiam as diferenças entre as ciências naturais e as ciências humanas e sociais — influenciou diretamente o modo como os americanos formados na Alemanha dariam continuidade à produção de conhecimento em psicologia na América.

Edward Bradford Titchener (1867-1927) pode ser citado como um dos principais importadores do método de trabalho de Wundt para o continente americano, exemplificando uma leva de pós-graduados que, embora tenham reconhecido a preocupação de Wundt com a psicologia social, acabaram por adaptá-la à filosofia mental e moral que predominava nos Estados Unidos. Esse processo de adaptação, segundo Pickren e Rutherford (2010), serviu, principalmente, para desenvolver uma retórica de revolução no modo de pensar da ciência psicológica que se consolidava no continente, em vez de tomá-la apenas como um processo de evolução na filosofia mental predominante na América, colaborando para impulsionar seu crescimento e tornando-a assim mais coerente com o momento de transformação e desenvolvimento que a sociedade americana vivia no pós-guerra.



Para Danziger (1979), o desenvolvimento dessa retórica buscava afastar definitivamente a psicologia dos estudos metafísicos que historicamente acompanharam as investigações nas ciências humanas e sociais na Europa. Farr (2001) vai além e duvida que “mesmo os pioneiros que estudaram ‘a nova psicologia’ na própria Alemanha, tenham entendido tudo o que escutaram nas aulas, ou leram nos livros” (Farr, 2001, p. 58). Esse último autor aposta ainda nos desafios da língua alemã para os estudantes americanos e na pressa desses em implementar laboratórios nas universidades dos Estados Unidos, acabando por optar pelo que ele chamou de “instrumental metálico da nova ciência de laboratório” (Farr, 2001, p. 58).

O fato é que, algumas décadas depois, os escritos de Floyd Allport (1924) caracterizariam um marco da negligência do caráter social nas produções americanas, cujas consequências para a psicologia social a ser desenvolvida a partir de então pelos psicólogos americanos seriam profundas, como pode ser identificado na passagem do autor a seguir:

Não existe psicologia de grupos que não seja essencialmente e inteiramente uma psicologia de indivíduos. A psicologia social não precisa ser tomada como contraditória à psicologia do indivíduo; ela é parte da psicologia do indivíduo, cujo comportamento é estudado na relação com o campo ambiental composto por seus companheiros (p. 4)<sup>3</sup>.

Essa publicação de Allport (1924), tomada como uma das primeiras grandes obras sobre psicologia social americana, deixaria ainda evidente a importância dada à consideração de uma base fisiológica para a explicação sobre como as pessoas vivem em sociedade:

---

<sup>3</sup> Todas as traduções foram realizadas pelo autor da dissertação.

[Os seres humanos] por meio das capacidades adaptativas do córtex, alcançaram os níveis de inteligência e de poder de inibição e controle que são pré-requisitos para a sociedade civilizada. As contribuições chefes do córtex para o comportamento social podem ser resumidas da seguinte forma: (1) Está subjacente a todas as soluções dos problemas humanos, que são também problemas sociais, e torna possível a sua preservação na linguagem, costumes, instituições e invenções. (2) Permite que cada nova geração aproveite a experiência dos outros para aprender essa tradição transmitida da civilização. (3) Estabelece hábitos de resposta no indivíduo tanto para fins sociais quanto para fins individuais, inibindo e modificando os reflexos primitivos de busca pessoal em atividades que adaptam o indivíduo ao ambiente social, bem como ao não-social. O comportamento socializado é assim a realização suprema do córtex (p.31).

É importante destacar ainda que, se a Primeira Guerra Mundial colaborou diretamente para impulsionar o desenvolvimento e o uso dos testes psicométricos nos Estados Unidos, o papel dos cientistas sociais na segunda grande guerra foi orientado para a adequação de soldados americanos à vida no exército (Farr, 2001), principalmente por meio de estudos voltados para as técnicas de instrução militar e mensuração de atitudes e comportamentos dos soldados. Esses estudos foram os primeiros passos para a implementação de ações acadêmicas sobre psicologia social nos Estados Unidos, possibilitando, futuramente, inclusive, o desenvolvimento de programas de sucesso como o de Kurt Lewin, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e o desenvolvimento de uma vertente cognitivista para a psicologia social.

Assim, a distinção entre uma psicologia de indivíduos em oposição a uma psicologia de grupos, que pode ser vista como tendo início com os trabalhos de Wundt, ganhou seu ponto mais alto entre as décadas de 1920 e 1930, na América, resultando em um estado de negligência da dimensão social dos estados psicológicos e do comportamento entre grande parte dos psicólogos sociais.

Obviamente ainda era possível identificar importantes exceções. George Mead, por exemplo, foi um dos americanos que, após realizar sua pós-graduação em psicologia na Alemanha, retornou para os Estados Unidos mantendo-se atento à preocupação de Wundt com a *Volkerpsychologie* (Farr, 2001). Mead ocupou um lugar de destaque entre os pesquisadores de sua época ao olhar para o *self* a partir da relação estabelecida entre mente e sociedade, buscando demonstrar em seus estudos como o indivíduo se relacionaria com o social dialeticamente. Farr (2001) chama atenção para a importância que Mead teve no desenvolvimento de uma crítica antirreducionista em relação ao behaviorismo que começava a se fortalecer cada vez mais entre os americanos.

Os exemplos dos movimentos intelectuais que buscavam apontar a importância do social continuam, sobretudo a partir da década de 1950, com autores como Asch (1952), que investigou as atitudes individuais que seriam orientadas intrinsecamente pelo meio social. O autor as definiu como “sentimentos que muitos ou todos membros de um grupo compartilham. Elas são cognitivamente e emocionalmente cruciais para esses membros e, ao mesmo tempo, controlam as ações sociais diretamente” (p. 575), reconhecendo uma condição de dependência mútua entre as atitudes e o social.

A partir daí Rom Harré (2006) reconhece a formação de pelo menos duas escolas distintas de estudos voltados para os processos sociais que se constituíram nos Estados Unidos nas décadas seguintes. A primeira delas formada por um grupo de psicólogos sociais que se voltaram para a investigação de leis universais dos processos

de interação entre os indivíduos, e a segunda, na qual se reuniram profissionais que acreditavam que os padrões da vida social seriam uma questão predominantemente ligada às convenções e aos costumes locais. Ambas, no entanto, ainda atentas às descobertas que estavam sendo feitas à época sobre os aspectos biológicos que envolviam as interações (principalmente a partir de estudos que investigavam o comportamento de primatas) e que colaboraram para o desenvolvimento da psicologia social americana que foi-se constituindo cada vez mais fortemente marcada pela crença no método experimental.

## 2.2. *O comportamento no centro das atenções*

Fui informado de que uma boa linguagem científica *corresponde* àquilo que é<sup>4</sup>. (...). Se a linguagem científica deveria corresponder com o mundo observável, o que eu deveria fazer das palavras que se referiam a eventos mentais? (...). Dizemos que temos medidas de cognição, motivação, atitudes e assim por diante, mas como sabemos que são eventos do mundo real? E por que estamos confiantes de que eles existem enquanto a escolha voluntária ou o espírito – nunca mencionados nas pesquisas psicológicas – não? (Gergen & Gergen, 2012, p. 24).

Nas décadas seguintes, o comportamento passou a ocupar o foco das atenções de grande parte dos psicólogos americanos, inicialmente com a influência do behaviorismo centralizado na obra de John B. Watson, e, posteriormente, a partir de sua junção com a filosofia do positivismo lógico, com o movimento que ficou conhecido como neobehaviorismo. Watson também iniciou seus trabalhos inspirado por uma psicologia russa altamente voltada para os processos fisiológicos, mas, com o passar do tempo, começou a focar na correlação entre estímulos e respostas.

---

<sup>4</sup> “(...) with what is the case” no original.

Os estudos de Watson produziram uma tipificação dos comportamentos, assim como difundiu uma noção generalista dos padrões de comportamento, para os quais pensamento e linguagem, por exemplo, nada mais seriam do que comportamentos em si (Hergenhahn & Henley, 2014). Nas palavras do próprio Watson (1924):

O behaviorista questiona: Por que nós não tornamos aquilo que podemos observar o verdadeiro campo da psicologia? Vamos nos limitar às coisas que podemos observar, e formular leis que sejam relativas apenas a essas coisas. Agora, o que nós podemos observar? Bem, nós podemos observar o comportamento – aquilo que o organismo faz ou diz (p. 6).

O método indutivo característico dos trabalhos de Watson colaborou para o desenvolvimento de uma busca pelo controle e pela predição no campo da psicologia americana, que rapidamente foi difundida, fortalecendo-se cada vez mais a ideia de que a psicologia deveria se afastar das investigações introspectivas da mente e focalizar na manutenção da noção de ciência psicológica como aquela que daria conta de explicar e prever o comportamento humano observável (Greenwood, 2008).

Esse movimento não passou despercebido à psicologia social. De fato, ele colaborou para que se tivesse início o período que ficou conhecido como “a era de ouro” da disciplina. Com o apoio federal que a Segunda Guerra Mundial trouxe, alguns dos estudos mais famosos da área foram desenvolvidos, como a pesquisa sobre conformidade, de Asch (1951), o trabalho sobre dissonância cognitiva, de Festinger (1957), e os experimentos sobre obediência à autoridade, de Milgram (1963). Além disso, esse período contribuiu para a fundação das principais sociedades voltadas para pesquisas e estudos em psicologia social, a publicação de importantes revistas sobre o tema e, em último caso, o seu estabelecimento como um campo amplamente reconhecido e prestigiado no país (Faye, 2012).

Apesar de todo o crescimento pelo qual a disciplina passava, o relato de Gergen em *Playing with purpose: Adventures in performative social science* também conta sobre como esse período parece ter sido importante para começar a produzir questionamentos e dúvidas, sobretudo em relação às influências da filosofia positivista no modo como estava se organizando a comunidade de psicólogos pesquisadores com os quais ele convivia. Gergen e Gergen (2012) relatam um período, em meados da década de 1950, no qual uma verdadeira batalha teórica foi formada, enquanto os psicólogos pesquisadores, analisando o comportamento de ratos de laboratório, tentavam definir se os comportamentos seriam resultado de reforços ambientais ou das capacidades cognitivas do organismo. Ao lembrar sobre seus anos de graduação na Universidade de Yale e como vivenciou esses acontecimentos, o autor questiona:

E o que dizer sobre nós como cientistas? Nós também não estamos interpretando papéis, agindo dentro de antigas e conhecidas tradições? Um cientista precisa saber como fazer, como falar com confiante autoridade e levantar questões sobre os trabalhos dos colegas. Até mesmo experimentos psicológicos são eventos teatrais criados. Eles exigem uma configuração cuidadosa do palco para que o comportamento dos sujeitos acabe por fornecer um final bem-sucedido para uma história (Gergen & Gergen, 2012, p. 19).

A passagem acima mostra que a atenção do autor começava a ser direcionada para o modo como a comunidade científica estava se organizando nesse período. Além disso, esse momento também parece ter sido fundamental para que o autor começasse a produzir indagações em relação aos aspectos e objetos de pesquisa que até então não ocupavam um lugar de destaque nessas práticas científicas, como, por exemplo, a linguagem em uso.

### 2.3. *A crise da psicologia social*

Eu comecei na década de 1970 a fazer perguntas impertinentes sobre a ciência na qual eu estava envolvido. Eu tinha uma posição de [professor] titular e, portanto, a segurança da reflexão crítica (Gergen & Gergen, 2012, p. 22).

O crescimento e a institucionalização acelerada da psicologia social nas primeiras décadas do século passado parecem ter colaborado para que os seus autores e profissionais não precisassem lidar com algumas questões paradigmáticas fundamentais para a constituição da disciplina<sup>5</sup>. No entanto, esse cenário começou a mudar em meados da década de 1960. Nesta época, embora a psicologia como um todo tenha experimentado ataques de críticos insatisfeitos com os feitos da disciplina ou desconfiados de suas perspectivas futuras, estes foram mais contundentes e severos em relação à psicologia social. A lista de insatisfações e desconfianças é ampla, mas, de modo geral, circulam em torno dos intentos de se tomar a psicologia social como uma ciência natural, principalmente ao adotar a filosofia positiva, o operacionalismo e o método inferencial em suas práticas de pesquisa.

A partir daí diversas críticas foram produzidas, como, por exemplo, em relação à sua artificialidade (Levine, 1974; Moscovici, 1972), seu reducionismo (Pepitone, 1976; Sherif & Sherif, 1969), seu isolamento em relação às outras disciplinas (Anastasi, 1972; House, 1977), os limites de suas generalizações (Cartwright, 1979; Cronbach, 1975) e sua cegueira cultural (Berry, 1978; Triandis, Malpass & Davis, 1973). Como veremos

---

<sup>5</sup> Alguns autores denunciam esse processo de crescimento e institucionalização acelerados, apontando, por exemplo, para o aumento no número de volumes e edições das publicações do *Handbook of Social Psychology*, nos Estados Unidos, que, nas primeiras décadas do século, passou rapidamente de uma para cinco (House, 1977).

detalhadamente mais adiante, Kenneth Gergen participou ativamente desse movimento, apontando, principalmente, para a importância dos valores (Gergen, 1973) e, sobretudo, da história (Gergen, 1978a) para a psicologia.

Segundo Greenwood (2004), não foi apenas a supervalorização do experimentalismo que resultou na negligência do social na psicologia social americana, e, conseqüentemente, alimentou sua crise na década de 1960. O comprometimento dos psicólogos sociais com um experimentalismo cada vez mais limitado que se desenvolveu no pós-guerra também teve sua parcela de culpa, sendo que um exemplo da limitação do experimentalismo apontado pelo autor é a utilização da randomização na escolha dos participantes dos estudos.

Embora inicialmente nunca se tenha defendido a randomização como uma ferramenta essencial para os experimentos com grupos, cada vez mais ela passou a ser utilizada, até começar a ser tomada como um atributo condicionante e, inclusive, critério para definição de um estudo como experimental ou não. Greenwood (2004) explica que, ao se institucionalizar o uso da randomização nos experimentos em psicologia social, eliminou-se definitivamente os grupos genuínos dos estudos, contribuindo, assim, ainda mais, para o desaparecimento do social dentro da disciplina.

Para além de uma psicologia social caracteristicamente experimental, que ficou conhecida como psicologia social psicológica, também foram produzidas e valorizadas outras tendências teóricas entre os psicólogos americanos, como a psicologia social sociológica e o interacionismo simbólico. A fundação e o desenvolvimento dessas diferentes correntes dentro da psicologia social possuem raízes antigas, que apontam para algumas das primeiras publicações sobre o tema. Segundo Popitone (1981), as primeiras obras sobre psicologia social publicadas na América do Norte datam de 1908, sendo elas o livro *Uma introdução à psicologia social*, do psicólogo William



McDougall, e o livro *Psicologia social: uma resenha e um livro texto*, do sociólogo Edward Ross. O fato de essas obras terem sido publicadas no seio de duas disciplinas distintas já anunciava que diferentes tendências seriam produzidas.

Enquanto a psicologia social psicológica tornou-se a principal corrente difundida entre os membros da Associação Americana de Psicologia e entre as publicações de alguns dos principais periódicos da época, os psicólogos sociais adeptos do interacionismo simbólico e da vertente sociológica defendiam a realização de pesquisas “face a face” com os sujeitos, por meio de interações em ambientes naturais e que se voltassem para análises de caráter prioritariamente macrossociais.

Embora cada uma dessas vertentes tenha desenvolvido suas particularidades, em vez de produzir um movimento de ampliação do potencial da disciplina como um todo, acabou por se produzir uma estratificação na disciplina, que, segundo House (1977), tornou-se crítica para a eclosão da crise da psicologia social. O autor defende que essas diferentes faces da psicologia social não foram capazes de produzir o intercâmbio necessário entre si para superar os desafios inerentes ao campo em comum, sendo que a crise da psicologia social “não é que cada uma dessas faces possui suas falhas, mas sim que cada uma está até o momento inconsciente ou não interessada com relação umas às outras” (p. 162).

É possível perceber que, embora as críticas que levaram a essa crise tenham sido direcionadas mais especificamente para a vertente da psicologia social psicológica, as outras faces da disciplina não passaram ilesas por ela. Feito esse retrospecto histórico, também não é difícil compreender a denúncia de Parker (1989), para o qual a crise na psicologia social é, na verdade, estrutural à disciplina, e que o fato de um grupo de profissionais se autodenominarem como psicólogos sociais não é garantia de uma psicologia social radicalmente coerente.

Kenneth Gergen se destaca como um dos autores que participou ativamente do movimento crítico que desencadeou a crise da psicologia social. Embora tenha ficado mundialmente famoso pela proposta teórica do construcionismo social, um de seus textos mais citados é o artigo *A psicologia social como história* (1973). Nesse artigo o autor denuncia a importância de se olhar para a psicologia social como um produto da história e alerta para a necessidade de se desenvolver uma sensibilidade para a inter-relação entre os eventos no tempo. Sua publicação teve um grande impacto na comunidade acadêmica e contribuiu de diversas formas para a reflexão sobre as bases e os princípios que orientam a disciplina. Nos capítulos seguintes apresentarei alguns dos momentos importantes da trajetória acadêmica de Gergen, dando especial atenção às críticas propostas pelo autor em relação à noção de ciência que, ao longo das últimas décadas, sustentou a psicologia social.

### Capítulo 3 – O empirismo positivista e o socioracionalismo

#### 3.1. *O experimentalismo em questão*

É bem possível que a ciência do comportamento seja predominantemente histórica, e não científica, no sentido em que usamos tais termos. Por quê? Fundamentalmente porque nas ciências do comportamento, ao contrário do que ocorre com as ciências físicas, o ‘conhecimento acumulado’ pode influir na população para a qual se obtiveram as conclusões (Gergen, 1969, p. 112).

No início de sua carreira, a formação e a atuação acadêmica de Kenneth Gergen foram fortemente marcadas por seu interesse pela investigação das leis que organizavam os comportamentos sociais humanos (Aceros, 2012). Esse interesse começou a se transformar conforme aumentava seu desapontamento com o campo, ao perceber a transitoriedade inerente aos fenômenos que estudava e a impossibilidade desses estudos produzirem sentido em sua vida pessoal (Elkaïm, 1996).

No final da década de 1960, publica o livro *A psicologia do intercâmbio do comportamento* (Gergen, 1969), no qual revisita a noção de ciência que vigorava na psicologia social americana e que servia de orientação para a maioria das práticas científicas, inclusive das quais o próprio autor participava até então. Nessa obra, ele se debruça sobre diversas pesquisas voltadas para os padrões da interação comportamental entre as pessoas, principalmente aquelas fortemente marcadas pelo experimentalismo, que, como vimos no primeiro capítulo, tanto influenciou a construção e a difusão das teorias psicológicas nos Estados Unidos.

Nesse contexto, retoma também algumas das pesquisas das quais ele participou, possibilitando ao leitor conhecer um pouco de sua proximidade e história com o assunto. Algumas das pesquisas experimentais realizadas por ele e por seus

colaboradores, citadas na obra, são, por exemplo, uma investigação em laboratório sobre o comportamento dos indivíduos diante de tarefas que estivessem sendo avaliadas por superiores (Jones, Gergen, Gumpert & Thibaut, 1965) e outra, na qual utiliza experimentos envolvendo a premiação dos participantes para investigar o processo de transação interpessoal (Christie, Gergen & Marlowe, 1969). Essa postura auto avaliativa presente na escrita de Gergen, parece sugerir que já se iniciava certo movimento crítico pelo qual o autor transitava à época. Esse movimento vai ganhando força ao longo do livro, alcançando seu ápice no último capítulo, como mostrarei adiante.

Já nas primeiras páginas do livro, Gergen (1969) convida os leitores a revisar o processo de criação das teorias, chamando atenção para a importância dos termos teóricos utilizados pelos pesquisadores, as consequências da atualização de determinados dados em pesquisa e a noção de rigor metodológico empregada nesses processos. Mais especificamente, o autor se volta para a criação da teoria sobre a interação humana, ou, como chama, do “intercâmbio do comportamento”, para se referir ao movimento vigente à época, que valorizava os fatos obtidos por meio da experimentação, dos dados quantificáveis e do desenvolvimento de conceitos de forma indutiva.

Com as perguntas “O que é que, afinal de contas, faz com que uma teoria seja melhor que outra? Por que é que a opinião de um homem não é tão boa quanto a de outro?”, Gergen (1969, p. 2) deixa claro que sua preocupação não se restringiria à revisão dos critérios utilizados para a construção das teorias, mas, também, já anuncia seu interesse pelo processo e pela história na sustentação dessas práticas.

Gergen (1969) analisa os critérios comumente utilizados para se comparar as teorias sobre a interação humana. Destaca a capacidade de predição das teorias e os meios através dos quais ela pode ser aumentada; a ligação com os dados observáveis, ou

seja, a quantidade de definições operacionais que podemos fazer conectando abstrações às entidades que podemos observar; a amplitude da base de dados; o valor heurístico da teoria (sua capacidade de gerar debate); e, finalmente, a parcimônia em relação à quantidade de termos e conceitos. Levanta, então, a questão de como determinada explicação sobre a interação humana pode ser considerada boa por diferentes razões, apontando para a importância da negociação dos acordos entre a comunidade científica em seus contextos específicos.

Sobre as vicissitudes desses processos, é interessante retomar o exemplo dado pelo autor sobre o valor heurístico atribuído à teoria psicanalítica proposta por Freud. Segundo Gergen (1969), o fato de a teoria freudiana ter estimulado o debate de modo tão intenso entre os teóricos e profissionais de diferentes áreas foi o que garantiu seu status de uma das maiores contribuições teóricas no século XX, a despeito de seu baixíssimo valor de predição e dificuldade de definição operacional de seus conceitos.

O autor avança na análise dos fundamentos utilizados para a construção da teoria da interação social, que serviu (e ainda serve) como plano de fundo da psicologia social americana. Critica o otimismo das pesquisas empíricas, exemplificando como as investigações sobre a satisfação nos relacionamentos dependem dos contextos sociais e do tempo, questionando a generalização que esses experimentos apresentam. Nesse sentido, questiona:

Será que tais obstáculos são insuperáveis? Talvez estejamos desmentindo o tradicional otimismo da cultura norte-americana ao responder “não”. No entanto, fica evidente que há necessidade de trabalhos fundamentais, tanto em nível teórico quanto empírico, a respeito do problema de motivos múltiplos e mutáveis (p. 110).

Em seguida, passa para a análise do lugar da cognição nessas pesquisas, mostrando como as investigações empíricas sobre o intercâmbio do comportamento lidam (ou, no caso, deixam de lidar) com sua fronteira com os processos mentais. Assim, retomando a importância da orientação cognitiva para a psicologia social, é categórico ao apostar que a teoria do intercâmbio do comportamento só poderá se desenvolver se ultrapassar essa fronteira, sobretudo reconhecendo os problemas existentes no modo de entendimento do pensamento e dos processos de tomada de decisão.

Antes de delinear na obra a sua crítica mais radical, chama atenção para a quantidade de experimentos realizados na psicologia americana tendo como sujeitos os estudantes universitários. Com isso, questiona o caráter generalista da ciência psicológica, principalmente tendo os dados de suas teorias retiradas de grupos tão específicos.

Por fim, nas últimas páginas do livro, faz o que, provavelmente, seja o questionamento mais emblemático da obra “Ciência ou história?” (p. 112), para questionar a aplicação do conceito de conhecimento cumulativo nas ciências do comportamento, visto que desconfia da estabilidade dos fatos e da lógica de ampliação da afirmação teórica diante da maior quantidade de dados coletados. “É bem possível que a ciência do comportamento seja predominantemente histórica, e não científica, no sentido que usamos tais termos” (p. 112), finaliza Gergen.

As práticas científicas de Gergen sofreram importantes mudanças nos anos seguintes à publicação de *A psicologia do intercâmbio do comportamento* (Gergen, 1969). Ainda que, como vimos, nos anos anteriores, já fosse possível perceber a postura crítica do autor, passou-se a ser ainda mais clara a mudança na visão de ciência que predominava em sua atuação. Essa mudança se caracterizou pela sua saída cada vez

mais constante dos laboratórios e pela presença ainda mais forte de uma orientação social em suas pesquisas, algo que pode ser identificado em trabalhos voltados para as relações raciais (Gergen, 1967) e de gênero (Gergen, 1974), por exemplo.

Nesse período, vigora uma noção de ciência psicológica, na obra do autor, que se caracterizou como crítica em relação aos esforços de encontrar os fundamentos para uma teoria de interação social. Essa postura serviu para questionar os pressupostos sobre os quais as práticas científicas tradicionais da psicologia social estavam sendo construídas, denunciando que a disciplina estava falhando em sua tentativa de apresentar as leis sobre o comportamento social, não por se tratar de uma ciência jovem ou cujos métodos precisassem ser refinados, mas, sim, porque, como mostrou Gergen, buscava desenvolver-se a partir de um modelo distorcido de ciência social. Esse momento foi fundamental para despertar, no autor, o interesse pela busca de novos caminhos a seguir.

### 3.2. *A psicologia social como história*

Os princípios da interação humana dificilmente podem ser desenvolvidos porque os fatos sobre os quais são baseados geralmente não permanecem estáveis. O conhecimento não pode ser acumulado, no sentido usual, porque tal conhecimento geralmente não transcende seus limites históricos (Gergen, 1973, p. 475).

Os argumentos que sustentam a afirmação de que a ciência do comportamento seria, na verdade, um empreendimento histórico, são melhor defendidos alguns anos depois, em 1973, com a publicação do artigo *A psicologia social como história*. Esse, considerado por muitos a obra mais importante de Gergen e um divisor de águas em sua carreira, teve um enorme impacto na comunidade científica americana, sendo amplamente comentado e criticado.

Em *A psicologia social como história* (1973) Gergen é enfático ao diferenciar a psicologia social das ciências naturais, analisando os princípios da interação humana a partir de dois argumentos principais: o impacto da ciência no comportamento humano e a mudança histórica.

Na primeira linha argumentativa, o autor se volta para o caráter prescritivo das teorias psicológicas para mostrar como os cientistas sociais, ao analisarem os comportamentos, contribuem, inevitavelmente, para sua transformação. Nesse sentido, destaca a relação estreita entre valor e conhecimento presentes nas práticas científicas e o papel da linguagem no seu processo de comunicação, visto que a língua, mesmo a mais técnica possível, continua sendo um produto cultural e, como tal, carregada de valores sociais. Diante do reconhecimento da impossibilidade de uma prática científica que não funcione como veículo de transformação social, Gergen (1973) sugere que “talvez nossa melhor opção seja mantermo-nos tão sensível quanto possível aos nossos vieses e comunicá-los tão abertamente quanto possível” (p. 478).

O texto apresenta ainda três diferenças importantes entre as ciências sociais e as naturais. A primeira dessas diferenças diz respeito ao fato de que a comunicação do conhecimento ou mesmo da hipótese de pesquisa pelo pesquisador pode modificar radicalmente a resposta ou o comportamento do sujeito, invalidando o estudo e fazendo com que o conhecimento funcione com um agente de ampliação, modificação ou eliminação das alternativas de ação. Essa é uma diferença de caráter metodológico que diz respeito aos cuidados com a contaminação dos dados coletados, com o qual um cientista da natureza dificilmente precisaria ter em suas práticas de pesquisa.

A segunda diferença se refere ao que o autor chama de “fuga em direção à liberdade”, para descrever o movimento adotado por indivíduos estudados quando percebem que suas possibilidades de resposta se tornam limitadas pelas previsões feitas



pela teoria. As teorias fortemente validadas e aceitas, e, portanto, supostamente capazes de antecipar as reações dos sujeitos, são compreendidas por esses como uma ameaça à sua singularidade, fazendo com que eles se esforcem para invalidar a teoria, apresentando respostas até então não previstas. Trata-se de uma diferença substancial em relação ao tratamento do objeto de estudo entre as ciências sociais e as naturais.

Por fim, a terceira diferença apresentada por Gergen diz respeito aos efeitos de esclarecimento da psicologia para se referir aos investimentos em uma elitização do seu conhecimento, na intenção de removê-la do domínio público e preservar sua “validade transhistórica” (p. 479). Trata-se de uma preocupação que o cientista social pode desenvolver na intenção de controlar as reações à teoria descritos anteriormente. No entanto, Gergen questiona essa possibilidade chamando atenção para o fato de que suas estratégias estariam sujeitas às mesmas limitações às quais tentaria dar conta.

Na segunda linha de argumento apresentada por Gergen em *A psicologia social como história* (1973), o autor se volta para a dependência das teorias em psicologia social em relação às circunstâncias históricas. O autor exemplifica essa dependência citando teorias que foram desenvolvidas e amplamente aceitas como capazes de prever o ativismo político durante diferentes períodos da guerra do Vietnã, mostrando como as variáveis utilizadas nas pesquisas voltadas para os primeiros estágios da guerra são diferentes daquelas utilizadas nos estágios finais. Sugere ainda que estudos futuros sobre o ativismo político, com certeza, utilizarão outras variáveis, e assim por diante.

Gergen (1973) conclui que “em essência, o estudo em psicologia social é fundamentalmente um empreendimento histórico”, pois “estamos essencialmente engajados em incontáveis questões contemporâneas” e “utilizamos metodologia científica, porém os resultados não são princípios científicos no sentido tradicional” (p. 481). A partir daí o autor chama atenção para a importância de que essa reflexão não

seja tomada apenas como uma redefinição da ciência, mas que também sejam consideradas as mudanças que ela provoca para o fazer científico, convidando o leitor a analisar algumas delas.

A primeira diz respeito ao deslocamento da noção de pesquisa pura para as pesquisas aplicadas, revendo-se a difusão de certo preconceito entre os psicólogos acadêmicos com a segunda, que, segundo Gergen, podia ser percebido, à época, nos periódicos e nos processos de promoção e manutenção de bolsas para pesquisas, já que as regras instituídas entre a comunidade científica tradicionalmente acabavam por privilegiar as pesquisas tomadas como puras.

A segunda mudança diz respeito ao deslocamento da centralidade da predição para a sensibilização como objetivo das pesquisas na área. Gergen entende que a predição do comportamento como objetivo de pesquisa é “despropositado e oferece pouca justificativa para a pesquisa” (p. 481), pois, como apontado, possui valor limitado. No entanto, a psicologia social poderia contribuir enquanto ferramenta sensibilizadora, tanto na esfera política pública, quanto nos relacionamentos interpessoais, “acerca da gama de fatores que potencialmente influenciam o comportamento sob várias condições. A pesquisa pode também oferecer algumas estimativas da importância desses valores num determinado momento”, podendo, assim, “prover ferramentas conceituais e metodológicas com as quais um número maior de juízos de discernimento pode ser efetuado” (p. 482).

A terceira mudança parte de uma crítica ao modo como os psicólogos sociais americanos reproduziram a preocupação com os processos psicológicos básicos da psicologia geral experimental, com suas bases biológicas, para reforçar a necessidade de se desenvolver “metodologias que estabeleçam contato com a prevalência, força e forma das disposições sociais no tempo” (p. 482). Nesse mesmo sentido, a quarta mudança

apresentada se refere à importância do desenvolvimento de metodologias que, em vez de se voltarem para a estabilidade dos comportamentos a partir de suas bases fisiológicas, se voltem para um “contínuo de durabilidade histórica” (p. 482), reconhecendo as influências da história da cultura nos comportamentos.

Por fim, Gergen se refere à uma mudança de postura em relação às fronteiras estabelecidas entre as diferentes disciplinas, convidando o leitor a repensar a separação disciplinar que impede tanto aos psicólogos sociais de se beneficiarem dos conhecimentos e metodologias desenvolvidas pelos historiadores, quanto ao reconhecimento das possibilidades que a própria história poderia encontrar nas metodologias desenvolvidas em psicologia social. Finaliza o texto com uma frase bastante crítica: “A concentração em psicologia apenas oferece uma compreensão distorcida de nossa condição presente” (p. 483).

Em 1978, o artigo *Experimentation in Social Psychology: A Reappraisal* aprofunda definitivamente a crítica ao experimentalismo que havia iniciado em *A psicologia do intercâmbio de comportamento*, se afastando da preocupação com o processo de construção das teorias em geral para criticar pontualmente como a práxis da pesquisa experimental é prejudicada ao desconsiderar a história. Desenvolve, então, uma crítica metodológica que resulta na defesa enfática da ampliação dos métodos em psicologia social. Finaliza o texto de forma categórica e já apontando para sua intenção de colaborar com a construção de novas formas de não apenas compreender o processo de produção de conhecimento em psicologia social, mas, também, de transformá-lo:

A maioria de nossas metodologias de pesquisa têm permanecido essencialmente inalteradas ao longo das últimas três décadas e parece um momento oportuno para mudarmos nossa atenção do “o que” sobre a vida social para o “como” saber. Não só precisamos de melhores meios de compreender o comportamento

natural, embutidos em uma sequência histórica, como nós devemos desenvolver formas de regeneração do conhecimento à medida que o caráter da conduta social emerge novamente (p. 524).

Trata-se, portanto, de um período marcado por uma visão de ciência, para a qual a linguagem utilizada pelos cientistas passa a ter suma importância. Essa visão colabora com a desconstrução de uma única noção de ciência, na medida em que lança luz sobre a importância das diferenças entre as ciências sociais e as naturais. Além disso, é aqui que a crítica ao experimentalismo é levada ao seu extremo, posicionando o autor como uma importante voz na defesa por novas formas de se pesquisar e produzir conhecimento em psicologia.

### *3.3. A transformação do conhecimento e o socioracionalismo*

Isso é, em contraste com a posição empirista, encontramos uma metateoria que coloca o locus do conhecimento não na mente dos indivíduos, mas na coletividade. Não são os processos internos do indivíduo que geram o que é tomado como conhecimento, mas um processo social de comunicação (Gergen, 1982, p. 207).

É possível perceber a importância que os primeiros anos de carreira de Gergen tiveram para a construção de uma crítica à noção de ciência vigente na psicologia social americana. Participar ativamente na construção dessa ciência parece ter fornecido ao autor a munição necessária não só para a identificação dos problemas, mas, também, para o desenvolvimento de uma retórica que apontasse para a necessidade de uma transformação na prática científica.

Ao analisarmos as suas publicações feitas entre as décadas de 1960 e 1970 percebemos certo processo de transformação nos investimentos feitos por Gergen, no sentido da construção dessa crítica. O que se inicia com o questionamento sobre o papel

das teorias e dos critérios para sua avaliação, em *A psicologia do intercâmbio do comportamento* (Gergen, 1969), dá espaço para um processo de desconstrução dos princípios que sustentavam a noção de ciência, em *A psicologia social como história* (1973), e culmina em uma forte crítica metodológica a essa ciência, em *Experimentation in Social Psychology: A Reappraisal* (Gergen, 1978a).

Além disso, já conseguimos perceber que nessa última publicação o autor inaugura uma escrita um pouco mais propositiva ao defender novas formas de investigação em psicologia social, visto que já compreendeu que a identificação de leis universais sobre o comportamento humano não seria possível devido ao seu caráter instável e historicamente situado, e, sobretudo, à inadequação da metodologia experimental para o seu estudo. Essa defesa se torna ainda mais forte alguns anos depois, quando lança, em 1982, o livro *Toward Transformation in Social Knowledge*.

No prefácio de *Toward Transformation in Social Knowledge* (1982), o autor retoma as mudanças ocorridas nas décadas passadas, chamando atenção para o despertar de um senso de fracasso em relação à crença e para o otimismo cego na ciência como caminho para a verdade que começava a ser gerado. Além de também reconhecer os impactos e as resistências ao movimento crítico que as décadas anteriores produziram, convida o leitor para uma reformulação da natureza da ciência sociocomportamental e a reconsideração de seu potencial.

Para isso, Gergen (1982) analisa os pressupostos tradicionais da ciência, que serviram de base para a psicologia social, reposicionando definitivamente a ciência comportamental como uma ciência fundamentalmente não objetiva e denunciando seu caráter conservador em relação ao seu potencial, bem como as suas consequências para a sociedade. Essa análise resulta em uma proposta de substituição da metateoria

empírico-positivista<sup>6</sup>, que sustenta a ciência sociocomportamental, por uma alternativa que o autor chamou de socioracionalismo. É possível traçar as raízes da proposta do socioracionalismo na publicação do artigo *Toward Generative Metatheory*, de 1978, no qual Gergen, originalmente, critica a falta de capacidade generativa das teorias contemporâneas em oferecer alternativas para os padrões de comportamento existentes.

Nessa publicação, Gergen (1978b) compara o racionalismo europeu — produzido em um contexto de ebulição teórica que teve como expoentes autores como Freud, Durkheim, Marx, Levi-Strauss e Weber, dentre outros — com o contexto americano dominado pelo empirismo positivista. O autor busca mostrar como o primeiro contexto colaborou com o desenvolvimento de uma metateoria que funcionou como facilitadora do debate e da transformação social:

“Isto é, a capacidade de desafiar os pressupostos orientadores da cultura, de levantar questões fundamentais sobre a vida social contemporânea, de promover a reconsideração daquilo que é ‘dado como certo’ e, assim, de fornecer novas alternativas para a ação social” (Gergen, 1978b, p. 1346).

Segundo Gergen (1978b), algumas das causas do déficit generativo na metateoria empírico-positivista que dominou os Estados Unidos podem ser atribuídas ao excesso de crença ontológica do fato científico, à demanda exagerada de verificações, ao desprezo pela dependência temporal das relações e à busca pela prática científica desapaixonada. Essas características serviram para reafirmar uma visão do mundo

---

<sup>6</sup> Gergen retoma a metateoria empírico-positivista no artigo "The Positivist Image in Social Psychological Theory", publicado em 1979. Neste texto, explica a utilização do termo para se referir às bases sobre as quais a psicologia social foi fundada nos Estados Unidos, denunciando que não se tratava de uma escolha baseada em sua superioridade, mas em sua forte relação com as bases filosóficas difundidas no país.

tomado como objetivo, cujo sentido seria passível de ser desvendado por meio da investigação científica, independentemente do observador (cientista), e que foi amplamente aceita e reproduzida pelos pesquisadores americanos.

Em *Toward Transformation in Social Knowledge* (1982), a crítica à ciência tradicional é radicalizada e sua práxis é esmiuçada por Gergen, que denuncia não só as falhas em suas bases, mas, também, algumas de suas consequências. Nesse sentido, ao mostrar como a instabilidade inerente ao comportamento humano, enquanto objeto de estudo, se torna uma ameaça aos pressupostos da ciência sociocomportamental, o autor é enfático ao denunciar como a prática científica acaba por construir a própria realidade que busca explicar e como o cientista exerce um papel de agente moral nessa construção.

Segundo Gergen (1982), diferente de um astrônomo, por exemplo, que, ao realizar uma investigação sobre o movimento de um planeta, dificilmente causará uma mudança em sua direção, o cientista que se volta para o comportamento humano, ao lançar mão de símbolos e conceitos para produzir explicações, pode acabar colaborando para o estabelecimento, a transformação ou a sustentação de determinados sistemas simbólicos, provocando a alteração da conduta humana.

Analisa criticamente, então, cinco modos, por meio dos quais o cientista sociocomportamental tradicionalmente pode agir construindo a realidade: (I) ao descrever o fenômeno estudado e definir “o que há”; (II) ao fornecer sentido por meio da escolha da teoria e explicar a lógica de ação na pesquisa; (III) ao determinar a sequência de eventos que conta para se produzir a previsão; (IV) ao escolher uma direção na explicação e estabelecer mecanismos causais; e, por fim, (V) ao definir o que conta conhecimento e como ele pode ser adquirido. Ao fazer isso, o cientista está, segundo Gergen (1982):

Engajando-se em uma interação simbólica com a cultura em geral, e como participante cultural de status substancial, seus símbolos podem ter potentes efeitos. Em muitos casos, tais efeitos incluem a extinção da base de dados sob as quais as formulações científicas iniciais foram baseadas. Em outros casos, as formulações podem parecer reivindicadas por causa de sua ampla disseminação. Em qualquer caso, a ciência insinua-se em padrões comuns de conduta (Gergen, 1982, p. 27).

Além disso, o autor considera também o caráter valorativo dessas ações e o papel de agente moral exercido pelo cientista. Ao fazer distinções entre fenômenos, descrevê-los, explicá-los e especificar os processos de funcionamento da prática científica, o cientista é influenciado pelos seus valores, pelos seus motivos para pesquisar e pelas decisões que definem seus investimentos.

Antes de passar para a proposta de uma metateoria socioracionalista, Gergen ainda retoma algumas das estratégias utilizadas pelos cientistas sociocomportamentais para lidar com as críticas em relação às bases pretensiosas da metateoria empírico-positivista e com a inegável ameaça que a condição de instabilidade do comportamento humano oferece. Assim, quando não é possível reduzir as reações que a prática científica oferece para a transformação da realidade, caberia ao cientista “lidar com as idiossincrasias transitórias do momento. Cabe ao cientista discernir, no meio do fluxo, as formas, dimensões ou processos imutáveis” (Gergen, 1982, p. 49).

Outra estratégia desenvolvida pela ciência tradicional para isso foi a busca por experiências, dimensões e relações universais. No entanto, Gergen (1982) chama atenção para a fragilidade do estabelecimento dessa busca e para o seu caráter abstrato e cultural, retomando a discussão sobre o problema de utilizar a observação como critério para a produção do conhecimento. Assim, conclui:



Nós encontramos o cientista sociocomportamental sendo confrontado por questões passíveis de infinitas variações, e, em certos aspectos, inclinado diante da forte perpetuação dos padrões singulares. Além disso, a própria conduta da ciência em muitos aspectos pode contribuir para a alteração dos padrões existentes. A ciência é em si mesma uma forma de vida que incide sobre outros domínios da atividade humana. Nesta perspectiva, a concepção lógico-empírica da ciência à qual as ciências sociocomportamentais têm sido largamente comprometidas parece tanto enganosa quanto improdutiva. São necessárias concepções alternativas sobre o caráter e a finalidade das ciências (p. 57).

É possível perceber que a década de 1980 representou um importante passo para o processo de transformação da crítica científica produzida por Gergen, introduzindo, de modo mais radical, a preocupação do autor com as consequências práticas e morais com o fazer da ciência sociocomportamental para a sociedade. E, embora já tivesse denunciado a importância da história para a produção de conhecimento e a urgente necessidade de uma reconsideração de seu potencial, nenhuma grande substituição havia sido proposta ainda. Nesse sentido, *Toward Transformation in Social Knowledge* (1982) é emblemático ao, pontualmente, fornecer uma proposta de mudança de ação, convidando o leitor ao socioracionalismo.

Além da publicação de *A psicologia social como história* (1973), as raízes da proposta do socioracionalismo talvez possam ser identificadas em uma publicação de 1980, intitulada *An Alternative Metatheory for Social Psychology* de Gergen e Morawksi. Nesse artigo, os autores se voltam para alguns dos movimentos intelectuais que, de alguma forma, desafiaram a hegemonia da metateoria empírico-positivista, como a hermenêutica interpretativa (ao focalizar o entendimento), a dialética (a focalizar a mudança), a perspectiva crítica (ao focalizar os tensionamentos que podem

facilitar ou não a mudança) e o movimento da alternativa etnogênica entre os antropólogos (que, ao focalizar as diferenças, desafiou o determinismo).

Gergen e Morawski (1980) mostram como esses movimentos se beneficiaram do racionalismo europeu e desafiaram os filósofos empiristas, ao mostrar como o conhecimento é produzido de modo criativo no pensamento e não da observação imparcial de um mundo objetivo. É a partir da força produzida por esses movimentos, que, em *Toward Transformation in Social Knowledge* (1982), Gergen desafia os psicólogos sociais a, definitivamente, abandonarem a tradição empírico-positivista e buscarem um novo modo de fazer ciência que possibilite a criação de novas possibilidades para o comportamento humano.

Como analisa Stepnisky (1998), a grande mudança que o socioracionalismo traz em relação ao racionalismo europeu é reposicionar o foco da produção do conhecimento do pensamento do indivíduo para os relacionamentos estabelecidos entre os membros da comunidade. Estes, ao se relacionarem, constroem ativamente os modos de vida a partir da proposta de novas formas de ação e valores, em um processo que é, substancialmente, comunicacional. Segundo Gergen, seria “dentro do processo de intercâmbio social que a racionalidade é gerada” (1982, p. 207).

Interessado nesse processo, Gergen (1982) finaliza sua crítica escrevendo:

O psicólogo social poderia vir a desempenhar um papel fundamental na comunidade intelectual. Na medida em que a geração de conhecimento é um processo social e o psicólogo social está comprometido com a compreensão de tal processo, a investigação psicológica social não é paralela à do físico, químico, historiador ou economista; em vez disso, o psicólogo social torna-se indispensável para elucidar os fundamentos em que se baseia o conhecimento físico, químico, histórico ou econômico. Nesse sentido, é uma investigação

social e não filosófica que pode elucidar nossa compreensão da natureza do conhecimento e de sua aquisição. De maneira alguma, a disciplina se encontra preparada para tal empreendimento no momento atual. No entanto, as sementes para tal empreendimento estão semeadas tanto dentro da disciplina quanto em seus domínios adjacentes (p. 202).

Em *Toward Transformation in Social Knowledge*, Gergen (198) mostra que, talvez, o fruto dessas sementes seria o socioracionalismo. No entanto, o próprio autor adianta que esse fruto não deve ser tomado como garantido e que sua colheita demandaria o desenvolvimento de poderosas ferramentas teóricas, e, sobretudo, novos métodos de estudo; mas é otimista ao finalizar o livro afirmando que: “Um novo romance é necessário para extinguir o velho, e parece que as propostas estão à mão” (Gergen, 1982, p. 209).

O socioracionalismo funcionou, portanto, como o equalizador final do convite ao abandono dos modos tradicionais de se fazer ciência, não oferecendo, no entanto, um caminho pré-estabelecido que os pesquisadores pudessem seguir. Ainda assim, esse convite ofereceu um avanço no sentido de propor uma nova descrição para a tarefa do pesquisador sociocomportamental, tomando-a como uma investigação social que teria como objetivo final a compreensão da natureza do conhecimento e dos processos de sua aquisição. Como veremos no capítulo seguinte, Gergen continuou trabalhando a partir desse convite, e, embora tenha abandonado a nomenclatura do socioracionalismo, o construcionismo social se destaca como um esforço notável na busca por essas novas ferramentas teóricas e metodológicas.

## Capítulo 4 – O construcionismo social

Eu me encontrei imerso no que poderia ser caracterizado como uma epifania relacional. Ao ampliar os diálogos construcionistas, comecei a perceber, com frequência emocionante, reviravoltas teóricas e formas criativas de prática (Gergen, 1997, p. vii).

Apesar do otimismo de Gergen em relação ao socioracionalismo no início da década de 1980, o uso dessa nomenclatura não perdurou ao longo de sua obra e ela foi rapidamente substituída. Se a publicação de *A psicologia social como história* (1973) serviu para posicionar o autor como um importante personagem no movimento de crítica aos pressupostos da filosofia empirista, e, conseqüentemente, para fomentar a crise da psicologia social, seu trabalho não passou despercebido pelos críticos, e não demorou a surgir quem produzisse desde questionamentos às suas propostas até duros ataques pessoais aos seus posicionamentos (Lock & Strong, 2010).

No entanto, apesar da força com que foi criticado, esse período serviu para mostrar como Gergen esteve aberto ao diálogo, ainda que com seus mais ferrenhos críticos e opositores. Ao antecipar possíveis resistências e trabalhar na incorporação das críticas e questionamentos em sua obra, o autor conseguiu produzir um debate que colaborou para a rápida transformação de suas propostas teóricas e para a construção de um movimento de constante busca pelo afinamento de suas ideias (Aceros, 2012).

O abandono do socioracionalismo teve como pano de fundo a tentativa de Gergen de reconhecer e se afastar de certo fundamentalismo mantido devido às suas raízes na filosofia racionalista (Misra, 1993). Raízes essas que colaboraram para que a proposta do socioracionalismo carregasse e reproduzisse certo dualismo que distinguia a subjetividade humana e a realidade objetiva como entidades separadas e distintas. A tentativa mais célebre do autor de se afastar definitivamente dessa dualidade ganhou o seu ápice em meados da década de 1980, com a publicação do artigo *The social*

*constructionist movement in modern psychology* (Gergen, 1985), na qual o autor reconfigura sua proposta metateórica, produzindo importantes consequências para o modo de se olhar e compreender a prática da pesquisa em psicologia social.

Gergen (1985) apresenta a orientação construcionista social como aquela que se preocupa “com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam, ou dão conta do mundo em que vivem (incluindo a si mesmas)” (p. 266). É interessante perceber que essa apresentação não se preocupa em propor um guia sobre o qual a teoria construcionista deveria se desenvolver.

Ao contrário, desenvolvendo a ideia da metateoria como um discurso, apresentada em *Toward Transformation in Social Knowledge* (Gergen, 1982), a proposta construcionista é aqui compreendida como uma retórica ou argumentação que visa ao alcance de determinados fins de caráter sociais. A preocupação central nessa proposta é deslocada da tentativa de se descrever as bases com as quais o construcionismo se sustentaria, para a tentativa de compreensão das consequências que a adoção de determinadas metodologias e teorias podem produzir para a vida social.

Em entrevista a Girishwar Misra, Gergen ainda chama atenção para o caráter aberto da argumentação metateórica construcionista, avançando na explicação dessas consequências:

Uma vez que você começa como um fenomenólogo em um nível meta-teórico, você nunca poderia elaborar uma teoria psicanalítica, cognitiva ou comportamental, por exemplo. Tudo isso seria banido; essas teorias são inconsistentes com a visão meta-teórica de pessoa da fenomenologia. De um ponto de vista construcionista, no entanto, você não é privado dessas possibilidades. Todas as teorias são convidadas como entradas potencialmente significativas para as conversas da cultura, mas a nenhuma teoria é permitida

hegemonia, de modo que se torne tão poderosa a ponto de marginalizar as outras vozes (Misra, 1993, p. 403).

O autor faz ainda uma importante distinção entre os paradigmas metateóricos, para se referir às teorias que investigam o conhecimento científico, e os paradigmas teóricos, ao se referir às diversas teorias produzidas pelos cientistas para explicar a realidade e as pessoas (Misra, 1993). Com essa distinção, Gergen chama atenção para o fato de que, visto como uma metateoria, o construcionismo social não demanda nenhum compromisso com teorias específicas, cobrando do cientista uma postura de constante atenção aos processos por meio dos quais se articulam as “formas compartilhadas de entendimento tal como existem atualmente, como existiram em períodos históricos anteriores, e como poderão vir a existir se a atenção criativa se dirigir neste sentido” (Gergen, 1985, p. 266).

Em *The social constructionist movement in modern psychology*, Gergen (1985) apresenta o movimento construcionista a partir de alguns de seus pressupostos, suas características históricas e suas consequências para a ciência psicológica. Nos anos seguintes, o autor vive décadas de especial produtividade, nas quais vai desenvolvendo os argumentos apresentados, resultando em uma série de publicações, que são organizadas e publicadas em 1994, compondo o livro *Realities and relationships: Soundings in social construction*.

#### 4.1. Alguns pressupostos construcionistas sociais

A linguagem pode suportar a pesada responsabilidade de "retratar" ou "espelhar" o que é a questão? Podemos ter certeza de que a linguagem é o tipo de veículo que pode "transmitir" a verdade para os outros? E quando ela é estampada na impressão, podemos antecipar adequadamente que "armazenará" a verdade para as gerações futuras? Em que fundamentos descansamos essas crenças? (Gergen, 1997, p. 31).

Em *The social constructionist movement in modern psychology* (Gergen, 1985) são apresentados quatro pressupostos, a partir dos quais o construcionismo social se manifesta. O primeiro deles possui suas raízes na crítica à noção de que as teorias científicas, enquanto produtos da indução, funcionariam como reflexo ou mapeamento da realidade. Segundo Gergen (1985), “aquilo que consideramos como experiência do mundo não determina por si só em que termos o mundo é compreendido” (p. 301). Esse pressuposto é desenvolvido tendo em vista que as palavras utilizadas para descrevermos ou explicarmos a realidade dependem de um contexto no qual elas façam sentido, funcionando elas mesmas como categorias produzidas pela convenção linguística. O desenvolvimento dessa postura de compreensão dos termos que utilizamos para descrever o mundo e a nós mesmos nutriu-se, principalmente, dos estudos filosóficos de Wittgenstein (1963). As investigações realizadas pelo autor ajudaram a evidenciar o condicionamento e os limites linguísticos dos conceitos utilizados para descrever a realidade.

Ao apresentar o segundo pressuposto do movimento construcionista, Gergen (1985) avança na exploração dessa postura para apontar como os sentidos atribuídos aos termos utilizados para descrever e explicar a realidade dependem dos relacionamentos estabelecidos entre as pessoas nos contextos em que vivem. Segundo o autor, “do ponto de vista construcionista, o processo de compreensão não é automaticamente conduzido pelas forças da natureza, mas é o resultado de um empreendimento ativo, cooperativo, de pessoas em relação” (Gergen, 1985, p. 303). Esse pressuposto sugere a importância das investigações sobre as contingências históricas dos conceitos, desafiando radicalmente a noção de ontologia defendida pela ciência tradicional.

Assim, para o terceiro pressuposto apresentado por Gergen (1985), já que uma descrição ontológica não mais garantiria a validade empírica das descrições, interessa o modo como os processos sociais possibilitam a sustentação ou não dos conceitos produzidos. Segundo o autor, “o que conta como o que” (Gergen, 1985, p. 305) possui regras que são inerentemente ambíguas, podendo sofrer variações conforme as predileções da comunidade de interlocutores. Nesse sentido, é questionada a ideia da ciência como um caminho para a investigação do “fato puro” ou do descobrimento da “Verdade”, inclusive abrindo-se espaço para uma discussão moral sobre o fazer científico.

O quarto e último pressuposto da orientação construcionista apresentada por Gergen (1985) em *The social constructionist movement in modern psychology* aponta para o fato de que “as descrições e explicações sobre o mundo constituem, elas próprias, formas de ação social” (p. 306). Isso ocorre, segundo o autor, porque, ao se descrever e explicar o mundo, são compostos modelos sociais que podem sustentar ou excluir padrões específicos de vida. Trata-se, portanto, de um pressuposto voltado para as consequências da teoria para a vida social.

Em *Realities and relationships: Soundings in social construction* Gergen (1994) inclui ainda um quinto pressuposto construcionista. Ao questionar o leitor sobre o que a cultura ganha ou perde quando se constitui o mundo a partir de determinados vocabulários em detrimento de outros, defende que “avaliar formas de discursos existentes é avaliar padrões de vida culturais” (p. 53). Segundo Gergen (1994), nossas avaliações sempre ecoam de dentro de determinados padrões de vida já estabelecidos. Nesse sentido, abrem-se portas para a interpenetração de sentidos entre as diferentes comunidades de inteligibilidades, e o diálogo avaliativo pode se tornar uma ferramenta importante para a construção de novos contextos.



#### 4.2. O movimento construcionista social em uma perspectiva histórica

A presente forma de crítica, no entanto, emerge a partir de inteligibilidades discursivas derrocadas amplamente fora do domínio científico-filosófico. Quando suas implicações são elaboradas e sintetizadas, elas estabelecem as bases para uma completa transformação em nossa visão da linguagem e dos conceitos aliados de verdade e racionalidade. Mais especificamente, elas irão fornecer os meios para revisarmos a psicologia e as ciências humanas relacionadas (Gergen, 1997, p. 33).

Tanto em *The social constructionist movement in modern psychology* (1985), quanto em *Realities and relationships: Soundings in social construction* (1994), Gergen investe na investigação histórica dos acontecimentos que possibilitaram e colaboraram para o desenvolvimento do movimento construcionista social. Na primeira obra, o foco investigativo reside na comparação das orientações rivais utilizadas para o entendimento do conhecimento em psicologia, enquanto que, na segunda, aprofunda-se no interesse por diálogos alternativos, produzidos nos mais variados campos de saber, que enfrentaram a noção dominante de conhecimento e que provocaram consequências importantes para as ciências humanas.

Em *The social constructionist movement in modern psychology* (1985), o enfoque histórico dado ao construcionismo gira em torno da comparação entre as orientações endogênicas e exogênicas do conhecimento. Segundo Gergen (1982), enquanto a perspectiva exogênica apostou no conhecimento como uma cópia ideal dos contornos do mundo — sendo seu processo de aquisição uma tentativa de se mapear ou espelhar o mundo real — a perspectiva endogênica voltou-se para os processos por meio dos quais as pessoas produziam esses conhecimentos.

Apesar de suas limitações, como a manutenção do dualismo sujeito-objeto, a difusão da perspectiva endogênica na psicologia desempenhou um papel fundamental

para a emergência do movimento construcionista social, sobretudo ao sensibilizar os pesquisadores para a importância do processamento das informações sobre como o mundo é conhecido, em oposição às tentativas de se descrever o mundo como ele de fato é (Gergen, 1985).

Já em *Realities and relationships: Soundings in social construction* (1994), Gergen se debruça com maior atenção sobre, pelo menos, três movimentos intelectuais que, ao proporem alternativas para a compreensão do conhecimento, pavimentaram o caminho para o desenvolvimento de um movimento construcionista.

O primeiro desses movimentos apontado por Gergen (1985, 1994) é o da crítica ideológica, que vem do encontro às tentativas dos cientistas e filósofos empiristas de produzirem uma separação entre os debates científicos e morais. Essa separação se deu por meio da tentativa de se afastar a ciência dos questionamentos sobre como as coisas deveriam ser, posicionando-a como um empreendimento que deveria apenas buscar descrever o que as coisas de fato são. A teoria crítica produzida pela escola de Frankfurt, sobretudo a partir de sua orientação marxista, serviu para denunciar como afirmações de verdade e razão científicas representariam interesses de determinadas classes sociais.

O segundo movimento apontado pelo autor é o da crítica retórico-literária. Esse movimento crítico ameaçou as descrições e explicações tidas como verdadeiras a partir de análises produzidas na teoria literária, cujos teóricos buscaram denunciar como as convenções da interpretação literária determinavam as descrições da realidade. Combatendo o enfoque individualista do conhecimento científico como produto da cognição humana, essas críticas serviram para chamar atenção para os ganhos de uma consideração linguística do mundo, denunciando ainda como o compromisso com

determinadas formas particulares de linguagem estabeleceriam limites sobre aquilo que é considerado real (Gergen, 1994).

Por fim, Gergen (1994) apresenta a crítica social como um terceiro movimento intelectual, fundamental para o surgimento do construcionismo social. Esse movimento se ocupou de compreender como os diferentes contextos culturais influenciam a gênese de determinadas ideias e sustentam práticas científicas específicas. Esse movimento alertou para o papel das comunidades científicas na determinação daquilo que conta como problema legítimo a ser investigado pelos cientistas, inclusive determinando o que se considera como progresso científico, e como essas considerações sofrem modificações em diferentes contextos (Gergen, 1994).

Muitas investigações foram produzidas, apostando-se em tentativas de se superar a contradição entre as perspectivas endogênicas e exogênicas, inclusive buscando-se estabelecer uma união entre elas. Nos Estados Unidos, como analisa Gergen (1985), influenciada pelas filosofias pragmática e positivista, a perspectiva exogênica ganhou bastante força (o behaviorismo confirmaria isso), dificultando o florescimento de teorias endogênicas.

Em *The social constructionist movement in modern psychology* (1985), o autor aposta no amadurecimento dos questionamentos sobre o conceito de conhecimento como representação mental atrelado ao poder das interpretações linguísticas como o terreno no qual o construcionismo social historicamente se constituiria e poderia promover a mudança desse cenário. Em *Realities and relationships: Soundings in social construction* (1994), o que se percebe é justamente a ampliação do interesse do autor pelos movimentos que ofereceram alternativas aos processos de interpretação linguística e como esses processos constituiriam práticas sociais. Como veremos a seguir, esse

interesse se tornou fundamental para a consolidação de sua crítica ao caráter da investigação psicológica e para a natureza da ciência em geral.

#### *4.3. Algumas consequências do construcionismo social para a ciência psicológica*

A questão que agora devemos abordar diz respeito ao potencial positivo desses pontos de vista. O que essas suposições sugerem para uma ciência humana reconstruída? O que agora é favorecido? O que deve ser rejeitado? (Gergen, 1997, p. 54).

Segundo Gergen (1985), o construcionismo social propõe a transformação de grande parte das categorias e dos conceitos utilizados pela psicologia, desassociando, de suas bases, suas descrições, como as fisiológicas, por exemplo. Ontologicamente, o movimento construcionista social retiraria os conceitos de dentro da mente dos indivíduos e os posicionaria na esfera dos discursos sociais, voltando-se para o modo como esses funcionam na constituição dos processos sociais. Passa-se a se suspeitar dos consensos produzidos dentro da ciência, colocando a própria prática de pesquisa psicológica como um objeto de investigação caracteristicamente social.

O posicionamento ontológico (ou, para alguns, a falta dele) no movimento construcionista tem sido foco de diversas análises críticas nos últimos anos (Parker, 1998). De modo geral, essas críticas já haviam sido abordadas por Gergen (1994), a partir de dois modos particulares. A primeira delas refere-se a uma suposta contradição no fato de a proposta construcionista social ser, por si mesma, uma construção social. A resposta mais coerente, segundo Gergen (1994), para afirmações dessa natureza, deveria ser positiva, já que os argumentos para uma crítica ontológica construcionista só poderiam fazer sentido enquanto artefatos sociais, como tentei mostrar anteriormente. O autor chamou atenção ainda para o fato de as críticas dessa natureza serem um fim

bastante valorizado pela própria tese construcionista, já que convida à reflexão de explorações alternativas.

Uma segunda crítica ontológica direcionada ao construcionismo refere-se àquelas que questionaram o fato de, supostamente, os construcionistas fazerem alegações de verdades, ainda que estivessem defendendo uma postura de abandono das mesmas. No entanto, não se identifica na proposta de Gergen (1994) nenhuma busca por uma verdade objetiva ou transcendental, até mesmo porque o autor tem sido enfático ao tentar mostrar a impossibilidade de qualquer teoria do conhecimento em oferecer garantias para suas proposições. Ao contrário, questiona:

Quais são os ganhos e as perdas para nossos modos de viver que acompanham cada uma dessas visões? De que modo esses discursos contribuem para nosso bem-estar e de que modo ofuscam nossos objetivos? De fato, essa discussão não deve ter um fim (Gergen, 1994, p. 79).

Em *Realities and relationships: Soundings in social construction* (Gergen, 1994), evidencia-se uma forte preocupação com a presunção amplamente difundida na ciência sobre o conhecimento como uma posse individual. A publicação se torna uma tentativa do autor de buscar, a partir dos movimentos e pressupostos apresentados anteriormente, construir uma alternativa de compreensão do processo de produção de conhecimento para as ciências humanas.

Para isso, Gergen (1994) sugere que se revise o potencial das ciências humanas a partir do ponto de vista construcionista, analisando a contribuição da ciência para os modos de vida, considerando-se o desafio crítico da ciência e o seu potencial para transformar a cultura. Retornando a atenção para o caráter pragmático da linguagem utilizada pela ciência, que favorece determinadas atividades em oposição a outras, ele alerta:

Nós nadamos em um mar de inteligibilidades onde as correntes discursivas de deslocados períodos da história – grego, romano, cristão, judaico e outros – sempre surgem uma após a outra, e a mistura de passados díspares gera sempre novas e atraentes (ou espantosas) possibilidades. Consequentemente, independente das realidades culturais dominantes e suas práticas relacionadas, há sempre grupos cujas realidades são negligenciadas, passando despercebidas, sendo as visões de mudança positiva amortecidas pelo estável e puritano (Gergen, 1994, p. 57).

O construcionismo oferece, segundo Gergen (1994), uma base fundamental para o desafio dessas realidades dominantes, possibilitando a transformação das formas de vida que são predominantemente associadas a elas. A prática científica não mais se orientaria apenas no sentido de que o pesquisador possa alcançar seus objetivos de pesquisa, mas que também possa compreender os impactos de suas ações e de que forma elas contribuem para determinadas formas de vida. Possibilita-se, assim, que o *status quo* existente possa ser questionado por meio de, pelo menos, três formas de críticas descritas pelo autor: a da cultura, a interna e uma terceira que ele chama de desenraizamento.

Enquanto a crítica da cultura e a crítica interna se voltam para o caráter valorativo dos compromissos firmados pela ciência e suas consequências, o desenraizamento parte do entendimento de que quando supomos a igualdade (entre o pesquisador e o pesquisado, por exemplo) deixamos de enxergar o desigual. Assim, a exploração das diversas verdades enfraqueceria o poder persuasivo das verdades únicas que geralmente são defendidas pelas realidades dominantes. Explorar os valores de comunidades particulares, contextualizando sua cultura e história, e mostrando o valor

de suas realidades locais, também colabora para o apontamento da limitação das racionalidades dominantes (Gergen, 1994).

Nesse sentido, os cientistas abordam seus problemas com uma gama de predisposições linguísticas já em mãos. Para que eles possam gerar entendimento precisam aplicar a linguagem existente ao problema em mão. Cada um precisa perguntar: “O que eu já sei sobre o assunto em questão?” (Mesmo ao nomear o “assunto” já está sugerindo uma variedade de práticas linguísticas associadas). Com efeito, o investigador precisa utilizar formas de linguagem que sejam aceitáveis dentro dos padrões de sua profissão (Gergen & Gergen, 1991, p. 80).

Ao enfatizar a importância da compreensão linguística para a ciência, espera-se a abertura de um espaço onde possam ser construídas práticas de pesquisa que levam em consideração o lugar ocupado pelos cientistas dentro de seus contextos culturais, buscando produzir um fazer científico que seja reflexivo quanto a essa relação. Essa capacidade reflexiva, segundo Gergen e Gergen (1991), além de possibilitar ao pesquisador um maior entendimento dos diferentes posicionamentos teóricos, expandiria as possibilidades de diálogo do cientista com as diferentes vozes e perspectivas que constituem os contextos culturais, permitindo uma elaboração do problema de pesquisa de forma mais sensível às múltiplas inteligibilidades.

Gergen e Gergen (1991) consideram a prática científica como reflexiva quando o pesquisador consegue substituir o experimentalismo tradicional por metodologias que consigam alcançar essa expansão dialógica. Para que isso aconteça é fundamental que os papéis do pesquisador, assim como dos objetos e participantes de pesquisa, sejam questionados e que os sujeitos de pesquisa possam ser encorajados a refletir sobre suas participações nos estudos, justamente buscando ampliar o número de interpretações ou

possibilidades teóricas geradas e consideradas, incluindo essas reflexões nas análises realizadas.

Em última instância, as metodologias reflexivas precisam desafiar o “senso de realidade” que os discursos científicos tradicionais produzem ao serem incorporados nas práticas sociais. Para isso, os autores esboçam pelo menos três formas de pesquisas reflexivas possíveis de serem desenvolvidas a partir da orientação construcionista social. A primeira delas defende uma forma de compreensão sem observação, criticando radicalmente os experimentalistas tradicionais e mostrando como uma prática reflexiva pode possibilitar ao pesquisador maior entendimento teórico em menor período de tempo e com menor gasto de recursos.

A segunda forma de pesquisa reflexiva focaliza os ganhos alcançados ao se abandonar as explorações individuais, rompendo com a noção de entendimento como uma articulação do investigador, para privilegiar práticas nas quais vários indivíduos possam explorar os seus diferentes entendimentos. Esse modo de pesquisa dá oportunidade para os participantes do estudo de pensar sobre os caminhos da investigação, incluindo aí o próprio lugar por eles ocupado. Por fim, os autores sugerem uma prática que desafia a presunção tradicional de “assunto/sujeito a ser explorado” pelo cientista, para investir no entendimento da própria “natureza do problema” como um discurso socialmente compartilhado. Essa perspectiva convida o pesquisador a se lançar nos discursos sobre os eventos que lhe interessam, buscando expandir continuamente o seu significado por meio de procedimentos dialógicos. O uso dessas metodologias busca garantir um processo contínuo de reflexividade, possibilitando que novas formas de realidades linguísticas possam emergir das práticas científicas.

Ao apontar as consequências da metateoria construcionista social para a ciência, em *Realities and relationships: Soundings in social construction* (Gergen, 1994), é



possível perceber uma transformação significativa que ocorre desde a proposta da metateoria generativa, em 1978. Gergen (1994) atenta-se não só aos processos por meio dos quais novas inteligibilidades são produzidas, mas, sobretudo, ao modo como determinados conceitos e a linguagem utilizada para construí-los operam na definição da conduta humana, funcionando como orientadoras dos relacionamentos.

O desenvolvimento de novas linguagens de compreensão acrescenta uma gama de ações possíveis. À medida que se elabora uma linguagem de motivos inconscientes, se desenvolvem novas estratégias de defesa em tribunais de justiça; à medida que um vocabulário de motivos intrínsecos foi enriquecendo-se, também se enriqueceu nossos regimes educativos; e à medida que se desenvolveu as teorias de sistemas familiares também ampliamos nossos modos de tratar a dor individual (Gergen, 1994, p. 60).

Cabe ainda destacar que o construcionismo social proporciona consequências importantes para a avaliação da ação moral na prática científica. Segundo Gergen (1994), isso acontece porque o ponto de vista construcionista convida a uma orientação centrada nas práticas conciliadoras dos modos de vida divergentes, buscando abandonar o universalismo ético e focalizando naquilo que a ação colaborativa pode produzir.

O construcionismo não tenta em si mesmo estabelecer ou instituir um código ético, nem a nível psicológico ou filosófico. No entanto, tenta colocar entre parênteses “o problema dos princípios morais”, favorecendo a exploração das práticas relacionais que permitem que as pessoas alcancem o que se entende por uma “vida moral” (Gergen, 2006, p. 102).

Desse modo, a avaliação moral não deve se ocupar com a investigação do que é o bem, mas sim com “quais os meios relacionais para alcançar o mutuamente satisfatório” (Gergen, 2006, p. 102). Isso porque, segundo Gergen (1994), qualquer

tentativa de resolução do problema do bem/mal em casos concretos oferece o risco de congelamento do seu significado, calando vozes específicas e segmentando o mundo social. Portanto, cabe ao cientista estar atento ao fato de que “na medida em que o diálogo segue e as construções continuam abertas, os significados locais talvez se ramifiquem e, quiçá, as pessoas cheguem a compartilhar ou assimilar os modos de vida dos demais” (Gergen, 2006, p. 104).

Ao tomar as práticas de pesquisas como caracteristicamente sociais, não é apenas o entendimento do que conta como conhecimento que é modificado, mas também os papéis das teorias, das metodologias e das ações desempenhadas pelos pesquisadores e participantes dos estudos. A ciência deixa de ser vista, definitivamente, como uma atividade de observação e compreensão da realidade, que contaria com o rigor metodológico e com a correta ação do cientista para alcançar seus objetivos. Ao contrário, passa a ser vista como uma prática situada e coletiva que, inevitavelmente, modifica e constrói a realidade.

A defesa dessas mudanças e a sua abertura à incorporação das diferentes inteligibilidades nas práticas de pesquisa colaborou para que diversas críticas fossem produzidas em relação à proposta do construcionismo social. Ao longo dos anos, Gergen tem sido duramente acusado de defender, dentre outras, certo relativismo moral e epistemológico com a proposta construcionista. No entanto, o autor denuncia o erro em se supor que a metateoria construcionista seria um fundamento para a ação ou mesmo uma estrutura cognitiva, a partir da qual condutas específicas deveriam ser tomadas. Ao contrário, reafirma seu caráter discursivo e, portanto, pragmático, alertando para os riscos de tomá-lo como uma fonte causal de ação.

Parker (1998) tem sido responsável por fortalecer uma importante discussão em relação ao potencial risco que o relativismo presente no debate construcionista social e

na virada discursiva na psicologia, de modo geral, pode oferecer, sobretudo ao encorajar a constante avaliação em relação ao caráter crítico do projeto científico que vai sendo construído e do seu potencial político. Ainda que a revisão desse debate crítico não faça parte do objetivo desse trabalho, o seu reconhecimento é importante não só para apontar os limites que têm sido identificados na proposta construcionista de Gergen, como também para indicar que diversos movimentos críticos têm se dedicado a fomentar a discussão no sentido de colaborar com a sua transformação.

Burr (1998), por exemplo, se dedicou ao debate em torno do relativismo moral em que os críticos têm acusado os construcionistas e aqueles que focam suas análises nos discursos. Grande parte desses críticos reconheceu o potencial desses movimentos em identificar que as coisas poderiam ser diferentes e revelar as práticas opressivas que sustentam o *status quo*; mas têm sido incisivos ao cobrar uma resposta sobre quais processos deveriam ser tomados para se transformar a realidade: o que de fato seria colocado no lugar das práticas vigentes, quem faria essas escolhas e, principalmente, com qual legitimidade. A autora mostra como a inexistência de um discurso de verdade tem oferecido um desafio para se justificar essas escolhas e como o poder do construcionismo social está justamente em desconstruir categorias e classificações e nos convidar ao reconhecimento da diversidade, da fragmentação e da localidade das experiências.

No capítulo seguinte, tentarei mostrar que a preocupação de Gergen em relação a esse poder reconhecido por Burr (1998) parece ter, cada vez mais, recebido destaque. Abordarei as consequências desse investimento nas obras mais recentes do autor e as suas consequências para a visão de ciência, sobretudo na virada para o que tem sido entendido como uma visão performática da prática científica.

## Capítulo 5 – Em direção a uma ciência social performática

O discurso construcionista social serviu como catalizador do crescimento de uma consciência pós-moderna que se espalhava por diferentes cantos da academia e fora dela, na obra de Kenneth Gergen. Essa consciência lançou diversos questionamentos sobre algumas das crenças mais cultuadas pelas práticas científicas tradicionais, colocando a ciência diante de uma crise fundamental. As crenças no conhecimento objetivo e nos processos por meio dos quais ele seria possível de ser obtido, não mais se sustentariam para alguns pesquisadores e profissionais. E, enquanto alguns percebiam essas mudanças como a eminência de um verdadeiro estado de caos, outros, como o próprio Gergen, sentiam que a história estaria diante de um ponto de virada para uma nova e excitante era para o fazer científico (Gergen, 1991).

No livro *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life*, de 1991, Gergen defende que a crise acadêmica seria resultado de um processo que ele chama de *saturação social*. Esse processo, segundo o autor, estaria relacionado ao crescimento do papel ocupado pelas tecnologias na vida cultural, propondo que “para que se possa compreender a revolução acadêmica que está ocorrendo é importante que primeiro se compreenda o que está ocorrendo na cultura de forma geral” (Gergen, 1991, p. 82.) A aposta do autor nesta obra é que existiria uma ligação entre as mudanças ocorridas no modo de se compreender o *self* com o desaparecimento do senso de objetividade nos contextos acadêmicos.

Neste capítulo, buscarei mostrar que o direcionamento para essa ligação na obra de Gergen funcionou não só como uma ponte entre a academia e a vida fora dela, mas, também, para reafirmar a crítica construcionista, fornecendo material para importantes discussões e, conseqüentemente, para a transformação de determinados aspectos do seu

próprio projeto de ciência. Como veremos a seguir, as discussões realizadas a partir daí serviram para questionar conceitos centrais à teoria psicológica e para ampliar a valorização de novas questões inerentes à prática científica, como seus modos de apresentação (performed), resgatando o sentido de performance e as habilidades estéticas incorporadas.

### 5.1 A objetividade científica em erosão

À medida que absorvemos as ideias, valores e visões dos outros, e vivemos as múltiplas tramas nas quais estamos emaranhados, nós entramos na consciência pós-moderna. É um mundo no que nós não mais experienciamos um senso seguro de self, e no qual duvida-se cada vez mais da hipótese de uma identidade delimitada com atributos palpáveis. Quais são as consequências? Como devemos responder a essas condições? (Gergen, 1991, p. 16).

Em 1991, Gergen publicou o livro *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life*, no qual se debruçou sobre o impacto causado por movimentos como o pós-modernismo, a difusão das ideias de desconstrução, o pós-estruturalismo, e, principalmente, a proliferação e o desenvolvimento das tecnologias. O autor chama atenção para o modo como esses movimentos colaboraram para ampliar a dúvida em relação à visão moderna de verdade objetiva e questionar as bases racionais do conhecimento e das narrativas de progresso por meio das práticas científicas.

O autor atentou-se para o desenvolvimento de um processo que ele denominou de *saturação social*, que ocorre devido ao aumento do número e da variedade de relacionamentos, a frequência potencial de contato entre as pessoas, e a intensidade e persistência dos relacionamentos possíveis, graças ao desenvolvimento e à difusão das novas tecnologias. Segundo o autor, o processo de saturação social colaborou com a erosão das bases tradicionais da ciência, em pelo menos dois modos principais: ao

expandir os pontos de vista possíveis dentro das áreas de estudo; e ao possibilitar que novas vozes pudessem ser ouvidas.

Segundo Gergen (1991), conforme foi sendo facilitado o deslocamento das pessoas com a melhoria dos meios de transporte, aprimoradas as ferramentas de comunicação e ampliados os processos de publicação e divulgação das informações, ficou mais difícil para os pesquisadores manterem suas práticas confinadas às suas comunidades locais. Da mesma forma, facilitou-se a organização e a comunicação entre diferentes grupos ao redor do mundo, ampliando-se o acesso desses aos contextos acadêmicos que até então se mantinham restritos, possibilitando o desenvolvimento de novos e diferentes programas de estudos e pesquisas até então inexistentes ou marginalizados.

Aqui vale lembrar que “o cientista pode proclamar uma descoberta [sobre si mesmo ou sobre o mundo], mas antes que essa descoberta possa contar como um fato, inúmeros outros cientistas irão examinar as evidências, refazer os estudos, ou, de alguma forma, tentar ‘ver por eles mesmos’” (Gergen, 1991, p. 84), tornando a objetividade, portanto, uma conquista caracteristicamente social. Assim, quanto mais aberta e plural a comunidade científica e maior o número de vozes a serem ouvidas, mais trabalhosa e desafiadora essa tarefa se torna.

Para Gergen (1991), a compreensão desse processo dentro dos contextos acadêmicos seria otimizada a partir da compreensão de seu desenvolvimento na cultura. Por isso o autor realiza uma análise das mudanças entre as visões do *self* e da identidade, em diferentes momentos históricos, enfatizando a visão romântica e moderna, para então se dedicar ao seu papel na pós-modernidade. Essa análise histórica torna-se fundamental para mostrar como aquilo que é valorizado em cada período de

tempo orienta ou delimita as possibilidades de descrição e de ações das pessoas, modificando, inclusive, as práticas científicas.

Sob a influência do romantismo, por exemplo, o autor mostra como se valorizou um discurso da profundidade interior, que até então fora entendido como uma ameaça para a supremacia da razão no iluminismo, criando-se um senso de realidade que ia além das palavras, pois também convidava à ação (valorização do bucolismo e suicídio, por exemplo). Esse período também se caracterizou pela grande produção artística, produto da exaltação dessa realidade interior marcada pela ausência e vazio. Segundo Gergen (1991), Freud teve um papel central no processo de transição entre as sensibilidades presentes nos períodos românticos e modernos, visto que a psicanálise, além de legitimar o discurso romântico sobre o self, também possibilitou sua união com um discurso médico tomado como racional. Como resultado dessa união, foram constituídos diversos dos vocabulários ainda atuais sobre o eu e suas associações com as formas de vida (noções de família, de amor, de relacionamentos e etc.).

Ainda que sem identificar um motivo específico para sua ocorrência, Gergen (1991) chama atenção para a mudança ocorrida no final do século XIX, a partir do qual o pensamento científico sistematizado começou a ganhar nova força, passando novamente a ser tomado como garantia de resultados, progresso e se opondo, enfaticamente, ao discurso romântico. No entanto, o autor alerta para algumas das características desse processo, como o enfraquecimento do currículo filosófico nas universidades e para a virada das ciências sociais (inclusive da psicologia) na direção da sistematização das ciências naturais, principalmente importando ou adaptando seus métodos e princípios.

A ciência caracterizou-se como uma das principais vozes do discurso moderno de busca pelo progresso, alimentando uma grande narrativa que valorizava a busca pela

essência das coisas (noção de unidade fundamental na matéria) e que reproduzia a noção de que a verdade só poderia ser alcançada por meio da correta aplicação de um método. O eclipse pós-moderno e o desenvolvimento das tecnologias possibilitaram que os indivíduos se expusessem de forma cada vez mais fácil a diferentes opiniões, valores e estilos de vida, tornando o *self* povoado pelo diferente e influenciado por uma gama cada vez maior de relacionamentos que até então não eram possíveis ou acessados.

Esse movimento colaborou para que os entornos do sujeito e de seus relacionamentos perdessem rapidamente sua uniformidade, alcançando, quando em seu extremo, o estado de saturação social citado. A academia e as práticas de produção de conhecimento que sustentam as ciências não passaram ilesas por essas mudanças, fazendo com que a supremacia dos discursos hegemônicos começasse a ser cada vez menos sustentável. Na psicologia, por exemplo, além de minar grande parte das descrições sobre o *self* cognoscível, começaram a serem ampliados, inclusive, questionamentos sobre a própria possibilidade de se produzir entendimentos precisos sobre ele.

A ideia de que os indivíduos possuiriam uma personalidade ou um caráter básico, que fossem essenciais e que pudessem ser descobertos e explicados pela ciência, não mais se sustentava, e, assim, o próprio conceito de objetividade passou a ser questionado. Segundo Gergen (1991), a realização social da objetividade só poderia ser alcançada por meio de alianças de subjetividades, que, em sua maioria, dependiam da replicação exata de metodologias e posicionamentos teóricos específicos para reprodução dos estudos. Algo que, em contato com a pluralidade de valores e reações possíveis no estado de saturação social, se tornaria cada vez mais difícil de ser conquistado.



## 5.2 Por uma prática científica voltada para os relacionamentos

Agora devemos expandir os horizontes sociais. Não só o sujeito individual é limitado em termos de seus argumentos preferidos de compreensão, mas em qualquer ocasião (como quando uma abordagem teórica é tomada), ele pode ser severamente limitado pelas linguagens que podem ser acessadas. O uso de procedimentos social-dialógicos para a geração e a expansão das inteligibilidades são, assim, convidados (Gergen & Gergen, 1991, p. 86).

Sem o sustento do discurso da objetividade, aspectos como racionalidade, intencionalidade, autoconhecimento e coerência interna também foram colocados em xeque, de modo que as bases da ciência tradicional se tornaram ainda mais trêmulas e questionáveis. Nesse sentido, a publicação de *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life* (Gergen, 1991) também foi importante para resgatar o discurso da construção social da realidade e, ao mostrar sua influência no mundo, propor uma importante mudança de foco para as práticas científicas: do foco no individual, para os relacionamentos.

O discurso construcionista social encontrou na virada pós-moderna a força necessária para questionar radicalmente a presunção de que existiria um “mundo lá fora” aguardando para ser descoberto e apreendido pelos cientistas. A compreensão de que os objetos de conhecimento, as descrições factuais e os *insights* seriam, na verdade, construções sociais, abriu espaço para que diferentes grupos passassem a defender suas formas específicas de expressar e descrever o mundo e a si mesmas, inclusive valorizando, nesse processo, os vocabulários que melhor expressassem seus valores, posicionamentos políticos e modos de viver.

Gergen (1991) mostra como essa mudança pôde ser vista ocorrendo na literatura, na arquitetura, na música e em diferentes contextos para além da ciência. Além de impulsionarem a desconstrução da crença no objeto de conhecimento identificável no

mundo, colaboraram para o enfraquecimento do respeito pelas autoridades tradicionais — o cientista sendo uma delas — e para o questionamento da concepção de racionalidade. Na pós-modernidade, a identidade individual não mais se sustenta, pois está sendo constantemente reformada e redirecionada, conforme as pessoas se movimentam entre um número cada vez maior de relacionamentos e discursos. Cabe-nos questionar, portanto: como uma prática científica poderia prosseguir em desenvolvimento sem se apoiar nas noções de racionalidade, objetividade e, principalmente, no essencialismo que o discurso pós-moderno tanto ameaça?

Tentar traçar uma resposta a partir de *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life* (Gergen, 1991) implicaria num esforço no sentido de substituir as bases individualistas da prática científica tradicional por uma prática voltada para os relacionamentos. Para a realização dessa tarefa, Gergen (1991) alerta quanto à importância das linguagens estabelecidas nos relacionamentos, já que são elas que os tornam possíveis e, conseqüentemente, parte da realidade por meio da qual a vida é vivida. Constitui-se, assim, a proposta de uma teoria relacional na obra do autor, que possui como base a crítica ao modo como, ao nos apoiarmos na linguagem psicológica para produzir sentido sobre nós e sobre o mundo, acabamos por construir padrões específicos de relacionamentos.

Além disso, essa proposta permite compreender que, quando as linguagens se transformam, os padrões de vida dificilmente se mantêm os mesmos. Gergen (1991) exemplifica essas transformações ao analisar as mudanças entre os discursos românticos, modernos e pós-modernos, e ao apontar as possibilidades que a pós-modernidade ofereceu aos pesquisadores e profissionais. Essas análises foram importantes para definitivamente afastar o autor de propostas totalizantes e pavimentar o caminho para a incorporação de diferentes inteligibilidades e realidades no fazer

científico da psicologia em sua busca por práticas alternativas, além de alimentar a crítica já apresentada nos momentos anteriores.

Para construir uma proposta alternativa de prática científica sensível ao relacional, no livro *Relational being: beyond self and community*, publicado em 2009, Gergen parte do legado produzido por autores dentro das ciências sociais, da teoria feminista e da herança filosófica, especialmente aquela deixada por autores como Wittgentein e Bahktin, para criticar que, apesar de avanços, muitas das teorias produzidas mantiveram-se conectadas a uma noção de um indivíduo delimitado, independente e possuidor de atributos e características internas. O autor aponta ainda a escrita acadêmica tradicional e a linguagem usualmente utilizada pelos cientistas como um importante desafio para a valorização dos relacionamentos nas práticas científicas.

Essas análises, quando direcionadas para o fazer científico da psicologia, por exemplo, permitem denunciar a construção da *realidade da mente* (Gergen, 2009, p. 60). Essa realidade vai se constituindo conforme expressões utilizadas para explicar estados mentais — como memória, desejos e atitudes — conquistam caráter de realidade, possuindo profundas consequências para a vida social, já que as pessoas passam a explicar a si mesmas e ao mundo em que vivem a partir delas. No entanto, essas expressões só fazem sentido se calcadas a partir da noção de um ser individual e restrito, ou seja, um sujeito que possui um mundo interior limitado e separado do resto daquilo que está fora. A tese do autor é que essa presunção, além de oferecer um desafio às práticas científicas sensíveis ao relacional, convidam a um estado de alienação, solidão, hierarquia e competição, dentre outros.

Ainda assim, vale lembrar que a concepção de um ser limitado por um mundo interior só pode ser produzida na ação conjunta. Ou seja, esses termos não fazem sentido por si só, precisando de um relacionamento no interior do qual eles possam

produzir entendimento. Essa reflexão se torna importante para posicionar o relacionamento como potencialmente capaz de desconstruir o muro entre o interno e o externo, mostrando que as palavras que compõem a realidade mental não são mapas de um espaço interior. Ao contrário, Gergen (2009) mostra que processos como razão, intenção e experiência, são, na verdade, ações relacionais que seguem convenções sociais específicas, no interior de relacionamentos específicos.

Esse olhar para a realidade mental ameaça toda uma tradição de investigação científica que, ao apostar na manutenção desse sujeito limitado, consequentemente reforça a manutenção de uma noção de objeto de pesquisa independente do pesquisador. A perspectiva relacional da ciência coloca, no centro, o papel dos relacionamentos na construção das realidades nas quais os indivíduos estão inseridos, fazendo com que os processos dialógicos aí produzidos passem a ocupar um lugar de destaque na transformação da própria realidade. Assim, retomando a proposta de uma prática científica reflexiva (Gergen & Gergen, 1991), o autor reafirma a importância de se transformar as práticas de pesquisa que buscam compreender o mundo como ele é, por práticas que considerem aquilo que ele pode vir a ser (Gergen, 2014). Trata-se da proposta de uma orientação que nega a visão do conhecimento como espelhamento da realidade e defende a prática científica como construtora do futuro.

Nesse sentido, Gergen (2009, 2016) se dedica a apresentar e analisar algumas das práticas de pesquisa que, segundo ele, têm funcionado como alternativas inovadoras para a produção de diálogos transformativos. Ao focalizar o processo de coordenação relacional produzido pelas pessoas, aponta para o seu potencial em localizar fissuras em realidades conflituosas já naturalizadas, reforçando a importância de promoção de diálogos voltados para futuros mais promissores. Trata-se de pesquisas que, quando voltadas para os contextos educacionais, por exemplo, em vez de investigarem os

processos individuais de aprendizagem, priorizam os relacionamentos nos quais esses acontecem; já no campo da psicoterapia, investem em estudos que compreendem a terapia como um processo de restabelecimento dos relacionamentos, tirando o foco dos indivíduos particulares; e nas pesquisas voltadas para as organizações, buscam substituir a visão dos sujeitos como seres individuais pelos processos por meio dos quais eles se organizam de fato, e assim por diante.

Do ponto de vista do impacto da proposta relacional para a ciência, é possível localizar, ainda, pelo menos dois aspectos importantes (Gergen, 2009). O primeiro deles é a mudança da preocupação com o relativismo moral para uma postura de responsabilidade relacional. Segundo o autor, todo relacionamento é passível de produzir entendimentos rudimentares sobre o que é certo e errado, possuindo um papel fundamental na sustentação dos padrões de coordenação. Diante disso, o desafio moral passa a ser não a produção de uma existência livre de conflitos, mas sim o investimento em formas de se aproximar diferentes entendimentos e convidar as pessoas para um diálogo que não objetive a extinção mútua. Busca-se a substituição da responsabilidade individual por uma responsabilidade relacional, que é caracteristicamente coletiva e não fundacional.

A noção de responsabilidade relacional já havia sido trabalhada pela americana Sheila McNamee, em coautoria com Gergen e outros associados, em 1998, no livro denominado *Relational responsibility: resources for sustainable dialogue*. Nessa publicação, os autores partem da noção construcionista de que o sentido linguístico é gerado nos processos relacionais, para defender que toda noção moral ou ontológica seria um produto do intercâmbio humano. Assim, os autores desviam o uso do termo “responsabilidade”, de uma perspectiva individualista para ser alocado como um recurso conversacional dos relacionamentos, que pode servir de sustentação para

condições a partir das quais as pessoas possam juntar suas forças na construção de novos sentidos morais e, conseqüentemente, de novas realidades.

Para a construção de um contexto de responsabilidade relacional, um aspecto importante, segundo Gergen (1999), é o enfraquecimento dos discursos de culpabilização. A noção de culpa, assim como de conquista, é analisada a partir da construção de indivíduos tomados como agentes morais, responsáveis por seus próprios atos, identificando aí as conseqüências dessa tradição para os processos conversacionais. Embora Gergen (1999) reconheça os desafios que a mudança para um contexto de responsabilidade relacional possa ser alcançado apresenta, o autor segue otimista em sua aposta, lembrando algumas das práticas que, segundo ele, têm conseguido produzir alternativas. É o caso do *Public Conversations Project*, iniciado na cidade de Watertown, que tem trabalhado no sentido de produzir contextos dialógicos entre grupos compromissados com visões diferentes sobre questões específicas, como o aborto, por exemplo.

O segundo aspecto é o fato de *Relational being: beyond self and community* apresentar ainda uma abertura importante para o papel das questões espirituais na compreensão dos relacionamentos, que comumente é afastada ou mesmo negada no âmbito da discussão científica. A “aproximação com o sagrado” (Gergen, 2009, p. 372), segundo o autor, inicia-se a partir do momento que, ao respeitarmos as diferentes inteligibilidades, aceitamos que, para algumas pessoas, exista uma consciência espiritual na origem daquilo que é tomado como real e bom dentro dos processos de articulação dos relacionamentos. Para muitos, o processo relacional pode nos aproximar do sagrado por se tratar de um processo no qual todos existem juntos e não podem ser separados.

Há razões para esperar e antecipar que estamos vivendo uma transformação de consciência. Deixe-nos substituir a distopia hobbesiana de "todos contra todos",

por uma visão de "tudo com todos". Quando o bem-estar relacional é o centro de nossa preocupação nós nos aproximamos de um futuro que é gerador de vida (Gergen, 2009, p. 403).

A defesa de uma prática científica voltada para os relacionamentos implica, portanto, na construção de uma prática cujas consequências vão além da busca pelo entendimento daquilo que conta como conhecimento. Ela convida os envolvidos na construção desse conhecimento a repensar suas posturas e ações. Trata-se da visão do pesquisador como “um agente ativo na construção do futuro” (Gergen, 2014), convidando à constante reflexão sobre quais novas formas de ação podem ser desenvolvidas e quais as consequências dessas ações para o futuro da humanidade, delineando-se, assim, uma aproximação pragmática da questão moral para a ciência.

### 5.3 *Propondo uma ciência como performance*

“‘Ciência social performática de fato!’.  
Essa mistura de surpresa e alienação muitas vezes nos cumprimenta quando falamos sobre o nosso trabalho. A observação nos informa que estamos embarcados em tolices sem sentido, suspeitas e possivelmente corrosivas, mas, realmente, não ciência. Como responderemos; como podemos explicar nossos desvios aparentemente supérfluos? Podemos começar, simplesmente, oferecendo uma definição. Estamos explorando os potenciais de uma orientação performática para a investigação” (Gergen & Gergen, 2012, p. 11).

É assim que se inicia uma das mais recentes publicações de Kenneth Gergen, em coautoria com Mary Gergen. Trata-se do livro *Playing with purpose: Adventures in performative social science* (Gergen & Gergen, 2012), no qual os autores partem da noção de construção social para propor uma descrição da ciência como performática. O terreno que possibilitou essa proposta, segundo os autores, foi, justamente, as reflexões,

críticas e as propostas apresentadas nas obras anteriores, principalmente em *Toward Transformation in Social Knowledge* (1982), *Realities and relationships: Soundings in social construction* (1994) e *An Invitation to Social Construction* (1999).

Essas obras, segundo Gergen e Gergen (2012), foram fundamentais para o enfrentamento da noção de ciência como uma prática objetiva e proprietária de uma autoridade inquestionável sobre o que as coisas são. Ao denunciar que a realidade nunca produz demandas específicas sobre como deve ser representada, mas, sim, que toda explicação científica é, na verdade, uma prática social resultante de uma comunidade contextualizada historicamente, a observação passou a não se sustentar mais como o único caminho para a compreensão do mundo e das pessoas, abrindo-se a porta para novas possibilidades de fazer ciência e de se produzir conhecimento no contexto acadêmico.

É em *An Invitation to Social Construction* (Gergen, 1999) que as raízes da atenção dada por Gergen para as práticas performáticas talvez possam ser melhor identificadas, ainda que de modo tímido. Nessa obra, nota-se a defesa do autor pelo uso do teatro, da música, da dança e de filmagens, dentre outros — ainda que essas acabem ficando restritas às estratégias voltadas para aproximar o conhecimento científico do público não acadêmico — ou como recursos utilizados pelo autor em suas práticas como professor universitário, objetivando desafiar a soberania dos trabalhos acadêmicos tradicionais e para ampliar a gama de possibilidades por meio das quais o próprio conhecimento pode ser produzido. Nesse sentido, a publicação de *Playing with purpose: Adventures in performative social science* (Gergen & Gergen, 2012) pode ser tomada como um avanço para o desenvolvimento dessas ideias.

Se as ciências sociais buscam ter um papel na sociedade, isso não se dará pelo aumento da sofisticação de seus métodos de pesquisa, mas, ao contrário, por



meio da multiplicação de suas habilidades de expressão. O fato de a ciência poder alterar o mundo por meio de seus estudos era visto como uma falha mortal para a pesquisa positivista; para os construcionistas, isso representa sua maior oportunidade. Do mapeamento do “o que é” o papel da ciência se torna o de criar “o que poderia ser”. Que mundo nós desejamos criar com nosso trabalho? O que vale a pena fazer? (Gergen & Gergen, 2012, p. 31).

O “desenvolvimento performático” (Gergen & Gergen, 2012, p. 33) passa a representar, portanto, o potencial de criação dentro dos relacionamentos. Ele surge a partir da expansão da sensibilidade dos cientistas sociais, ao fazerem uso de habilidades comumente atribuídas ao performer artístico em suas práticas de pesquisa, tratando-se mais de uma tarefa de remoção de determinadas restrições e limites entre o que seja ciência e arte, do que do abandono propriamente dito das práticas tradicionais.

O status de correspondência da linguagem com a realidade, pressuposto tomado como fundamental para o processo de replicação dos resultados de um estudo e confirmação dos fatos nas práticas científicas tradicionais, passa a ser substituído por um senso de dúvida que, inclusive, leva o pesquisador a questionar: “Por que linguagem escrita? Ou seja, por que nossas tentativas de contar sobre o mundo deveriam se limitar à escrita (e à fala)?” (Gergen & Gergen, 2012, p. 25). Trata-se de uma abertura para as possibilidades que o uso das diversas formas de comunicação disponíveis na cultura pode trazer para os esforços das ciências sociais em compreender, explicar e modificar o mundo.

A mídia e os movimentos políticos tiveram um papel importante na construção da noção de arte como possibilidade de crítica e mudança social. Algumas das demonstrações políticas produzidas durante os anos de 1960 e 1970 foram fundamentais para ampliar o interesse por essa articulação dentro da academia. Segundo Gergen e

Gergen (2012), diversas práticas foram desenvolvidas ao longo dos anos, buscando, por meio da performance artística, produzir mudanças sociais e enfrentar os limites impostos pela tradição acadêmica, servindo de inspiração e produzindo um maior senso de comunidade entre os pesquisadores.

Assim, o campo performático nas ciências passou a ser defendido pelos autores como um novo espaço de possibilidades que expande os modos por meio dos quais o mundo pode ser experienciado e compreendido.

“Se abordamos o mundo com os olhos de um contador de histórias, começamos a notar dramas se desenvolvendo; se o abordamos com uma sensibilidade poética, nós podemos notar ritmos e cadências sutis na fala; com uma abordagem coreográfica, podemos ver um mundo de padrões relacionais; com os olhos de um diretor de teatro, podemos ser atraídos por tipos de personagens variados; e assim por diante” (Gergen & Gergen, 2012, p. 48).

Essa expansão rompe definitivamente com a noção de objetividade das ciências tradicionais, possibilitando aos profissionais carregar suas visões de mundo particulares e suas experiências de vida, permitindo que elas sejam usadas como recursos de expressão, realocando o questionamento sobre se determinada prática é científica ou artística, para o questionamento sobre quais futuros ela pode possibilitar. Gergen e Gergen (2012) ainda criticam novamente a escrita científica tradicional, apontando para seu caráter despersonalizado e alienante e que acaba por dificultar a produção de um senso de comunidade. Ao romper com os métodos tradicionais, a consciência performática também convida à exploração de novas formas de expressão e ao desenvolvimento de um novo senso de cuidado.

Mesmo com o crescimento de uma perspectiva construcionista, certos consensos tendem a emergir – por exemplo, em que consiste uma pesquisa qualitativa ou

análise do discurso “boa” ou “ruim”. O desafio, então, é garantir que deliberações reflexivas não tenham fim. A ambiguidade é preciosa; a certeza é sufocante (Gergen & Gergen, 2012, p. 50).

Alguns exemplos marcantes de práticas performáticas em ciência são descritos pelos autores, na obra, em diversos contextos. Nas artes literárias, por exemplo, apresentam a ideia de uma escrita duográfica (duography) que busca substituir a noção do escritor solitário que revela seus pensamentos internos no ato de escrever, por uma prática de escrita que tenta produzir sentido a partir da cocriação, materializando a existência do relacionamento. Nesse sentido, os autores substituem a ideia de uma autobiografia por uma “duobiografia”, uma escrita a duas ou mais mãos. Trata-se de um texto composto por pequenos relatos individuais dos diferentes autores, intercalados por escritas conjuntas e passagens que servem para refletir sobre o contexto histórico e incorporá-lo na ligação estabelecida no relacionamento dos autores.

Os exemplos continuam no campo das artes dramáticas, com a utilização de performances teatrais com o objetivo de mostrar como aquilo que consideramos como real e bom é construído nos relacionamentos, incluindo, aí, a realidade da mente. Outros exemplos referem-se ao campo das mídias visuais, com o uso de repertórios visuais para a ampliação dos processos de interpretação e compreensão das teorias. Essas experiências abrem novas possibilidades não só de produção de conhecimento, mas, também, de estabelecimento de novos relacionamentos, já que, como mostram Gergen e Gergen (2012), os potenciais dessas práticas podem ser ampliados quando seus praticantes contam com parcerias de profissionais e artistas de diferentes disciplinas.

A abertura para esse potencial tem como pano de fundo o entendimento de que todo processo conversacional seria, em si, uma performance social. Esse entendimento parte do fato de que, ao falarmos, estamos endereçando nossas palavras para outros, dos

quais esperamos alguma forma de coordenação de ações com as nossas. No entanto, como defendem Gergen e Gergen (2012), o sentido dessa ação reside apenas de modo parcial nas palavras utilizadas, já que as características dessa fala, como seu volume, rapidez e entonação, assim como nossas expressões faciais, nossos gestos e nossa postura complementam nossa ação e influenciam a resposta que receberemos.

Essa análise, quando levada para o contexto acadêmico, reafirma a denúncia em relação à pobreza com que os escritos científicos usualmente são produzidos. Em comparação com a comunicação cotidiana e toda sua riqueza de recursos performáticos, a escrita científica tradicional torna-se uma prática endereçada a ninguém e sem um contexto óbvio no qual as ações são coordenadas. O acadêmico se apresenta para sua comunidade como uma criatura sem corpo, uma mentalidade fantasmagórica, criticam Gergen e Gergen (2012). É a partir dessa crítica que os autores se voltaram para as práticas artísticas, buscando uma forma de enriquecer a ação do cientista social, tentando torná-la mais reflexiva quanto à sua audiência, às audiências que ela exclui, às respostas que esperam obter, e, em último caso, às ferramentas necessárias para obtê-las.

Os autores apresentam uma proposta de substituição do modo como compreendemos a realidade mental, tão criticada em *Relational being: beyond self and community* (Gergen, 2009). A prática performática, quando sensível ao processo de construção de sentidos nos relacionamentos, tem como consequência a possibilidade de ruptura da ideia de que a mente funcionaria como um mundo interno e individual. Compreendendo que esse mundo mental também é performado, o discurso da ciência psicológica também passa a ser tomado como uma ação performada dentro desses relacionamentos. Trata-se, portanto, de uma ação por meio da qual a performance

dramática, por exemplo, permite ao pesquisador trazer as ideias à vida, dando um corpo para a teoria (Gergen & Gergen, 2012).

Então, nós não “temos” emoções tanto quanto nós as “fazemos”. A emoção é uma ação dentro do relacionamento. Como outras ações com atributos mentais, nós podemos fazê-las bem ou de modo pobre, completamente engajados ou superficialmente. Mas por que fazê-las então? Não é por causa de necessidades biológicas ou neurológicas. Ao contrário, é porque elas são modos de carregar tradições sociais. Nós as fazemos principalmente porque elas são ações sensíveis dentro dos relacionamentos em processo. Se você vê seu filho chorando, é bem provável que você o console. O que mais você faria que continuaria sendo inteligível? Consolar é um ato dentro da tradição social na qual podemos estar presentes (Gergen & Gergen, 2012, p. 128).

A publicação de *Playing with purpose: Adventures in performative social science* (Gergen & Gergen, 2012), além de fornecer um verdadeiro acervo de recursos performáticos para os pesquisadores interessados nessa abordagem das práticas científicas, oferece os passos finais para a expansão dos potenciais da ciência social, já anunciados por Gergen em seus primeiros trabalhos. Ainda assim, os autores alertam para o fato de que as ciências sociais permaneceram, em grande parte, estavelmente agarradas à sua base filosófica empirista, tão analisada e criticada. Nesse sentido, a publicação constitui uma proposta radicalmente diferente daquelas que vinham sendo apresentadas ao abandonar os esforços direcionados para essas análises e críticas, passando a propor e defender a remoção das restrições aos processos de construção das teorias e das metodologias em uso.

É possível perceber a falta de interesse dos autores em oferecer determinada gama de ideias teóricas, a partir das quais a realidade possa ser investigada. Ao mesmo

tempo, é notável a excitação em relação às consequências de uma orientação artística para essas práticas. Trata-se da proposta de uma prática científica que comporta a expressão da paixão do pesquisador, para a qual “a questão primordial não é ‘o que é a verdade’, mas ‘o que vale a pena fazer?’ É uma questão de valor – em relação ao futuro que esperamos construir” (Gergen & Gergen, 2012, p. 49).

## **Capítulo 6 - Tendências, tensionamentos e algumas reflexões**

Ao longo dos últimos capítulos, busquei analisar o discurso sobre a ciência, na obra de Kenneth Gergen, voltando-me para a crítica construída no decorrer de suas publicações, tentando identificar as diferentes propostas para a ciência psicológica desenvolvidas pelo autor e como essas foram se transformando. Parti da noção de crítica interna proposta pelo próprio Gergen (1997), para me dedicar a algumas de suas principais publicações, colocando-me atento às metáforas, às construções narrativas e aos processos por meio dos quais os conceitos desenvolvidos pelo autor foram sendo produzidos e transformados (Gergen, 1999).

Escolhi apresentar os resultados dessa investigação propondo uma divisão temporal/temática que, de modo geral, seguiu a cronologia de publicação das obras. Iniciei esse trabalho dando atenção para alguns dos relatos autobiográficos que o autor forneceu em sua obra, buscando compreender melhor as condições históricas e sociais que, segundo ele, foram possibilitando e orientando a sua atuação profissional como pesquisador. Somando esses esforços à uma breve investigação na literatura sobre o tema, chamei atenção para a importância de não naturalizarmos essas histórias, ampliando o entendimento de que toda história é uma construção e alertando para a necessidade de constantes questionamentos sobre os modos como a ciência vai construindo narrativas que se transformam ao longo do tempo, dependendo de quem as conta.

Não perdendo de vista esses alertas, pretendo, agora, apontar algumas das tendências e tensionamentos que fui produzindo a partir das leituras realizadas, para, em seguida, propor algumas reflexões críticas. Ainda que seja possível identificar determinadas mudanças nos posicionamentos do autor entre as primeiras e as suas mais

recentes publicações, de imediato fui capturado pelo caráter crítico e pelo senso de desconfiança que me pareceram sempre presentes na escrita de Gergen. Como o próprio autor descreve em *Playing with purpose: Adventures in performative social Science* (Gergen & Gergen, 2012), uma filosofia da ciência parece ser desenvolvida a cada obra, dando a impressão, ao leitor, de que uma proposta está sendo paulatinamente construída e transformada:

Meus primeiros anos profissionais foram marcados pela dúvida em relação às concepções tradicionais de conhecimento e métodos de pesquisa. Mas, faltava um raciocínio e, mais especificamente, faltava um tipo de filosofia da ciência que parecia fornecer fundamentos tão sólidos ao programa empirista. Com qual tipo de pernas poderíamos ficar de pé? Tivemos pouco mais que nossos sussurros de dúvida. Precisávamos de uma voz muito alta (Gergen & Gergen, 2012, p. 22).

Foi o processo de desenvolvimento dessa voz que capturou minha atenção ao longo dessa investigação. No decorrer das minhas leituras, análises e comparações, pude perceber algumas das características da proposta de Kenneth Gergen, que ora se mostravam esclarecedoras, ora produziam novas interrogações.

A partir de um olhar geral para a obra de Gergen, me parece inegável a importância e o impacto da proposta do construcionismo social, possibilitando, inclusive, identificar, na análise realizada, as características de seus antecedentes e também dos desenvolvimentos posteriores, como a experiência do autor em um contexto experimentalista, a partir do qual pôde desenvolver sua postura crítica até a proposta de uma ciência performática. Ainda assim, chama atenção a inexistência de grandes rupturas teóricas ao longo da obra, fortalecendo a impressão de que uma proposta de ciência está sendo construída.



Parece ainda haver uma tendência no modo como Gergen vai construindo a estrutura de seu pensamento, acompanhando uma retórica que, inicialmente, propõe uma análise que vai se tornando cada vez mais crítica. Delineia-se, então, um senso de oposição em relação às ideias e práticas naturalizadas, para, finalmente, ocupar uma postura mais propositiva. Assim, podemos também perceber que essa postura tenta ainda oferecer, quando em seu extremo, uma nova proposta de compreensão e produção do conhecimento.

Dentre os principais tensionamentos identificados na realização do trabalho estão justamente as mudanças que vão sendo constituídas no modo de o autor expressar suas propostas, como, por exemplo, a utilização de nomenclaturas específicas, que rapidamente vão sendo abandonadas ou substituídas. É algo que ocorre desde a proposta do socioracionalismo, e mesmo no uso de expressões como “metateoria”, “epistemologia” e etc. Essas mudanças, quando analisadas fora do contexto da obra, podem sugerir certa incoerência ou contradição. Essas últimas, por sua vez, ao serem colocadas em análise a partir da tendência de estrutura de pensamento apontada acima, perdem sua força retórica.

Ainda no sentido de uma análise das expressões em uso e do foco que o discurso do autor apresenta em cada obra, é interessante notar também que algumas das publicações mais recentes — *From mirroring to world-making: Research as future forming* (2014) e *Toward a visionary psychology* (2016) — anunciam o que parece ser um novo cerne de interesse. A primeira publicação defende uma noção de ciência construtora do futuro, enquanto a segunda, indo além, propõe a prática de uma psicologia que seja visionária. Estudos futuros talvez poderão dizer se essas obras já estariam apontando para uma nova mudança ou transformação no projeto do autor, que se organizaria em torno das consequências da ciência para produção do futuro, e quais

poderiam ser os impactos de uma defesa dessa natureza para a formação e prática dos pesquisadores.

Além disso, essas publicações vão construindo uma noção de prática científica que parece deliberadamente se voltar não mais para a análise do modo como as pessoas explicam a realidade, mas para a própria construção dessa realidade — algo que, como vimos a partir do terceiro capítulo, têm sido uma preocupação recorrente de Gergen. Embora durante vários anos o autor tenha se dedicado a investigar as consequências da ciência para a realidade — denunciando o caráter valorativo das ações dos cientistas, sem sugerir um interesse explícito pelo desenvolvimento de uma prática que buscasse eliminar essa característica — o que percebemos é que a discussão moral vai ganhando espaço nas publicações mais recentes e parecem justamente buscar sensibilizar os pesquisadores para importância do constante diálogo (não só dentro da comunidade científica, mas também com aqueles que estão fora dela) sobre os impactos da ciência para as realidades que intentam conhecer, explicar ou transformar.

Justamente por isso, o lugar da discussão moral na proposta de Gergen parece requerer e merecer maiores investigações no futuro. A proposta do autor de manter os diálogos abertos, buscando ramificar os significados locais com o intuito de se compartilhar e assimilar os diferentes modos de vida, não se apresenta como uma tarefa fácil. Cabe aos interessados por esse debate, portanto, o constante questionamento se a medida do mutuamente satisfatório para a avaliação moral pode, de fato, ser alcançada e, principalmente, quais os caminhos para fazê-lo.

A identificação dessas tendências e tensionamentos convida ainda a três importantes reflexões críticas. A primeira delas refere-se à impossibilidade de aproximação com o projeto de ciência construído por Gergen, buscando por respostas definitivas, reconhecendo seu caráter mutável. Em seguida, sou direcionado para a

importância do contínuo questionamento sobre as consequências da ciência para as pessoas, dentro e fora da academia, focalizando a discussão moral que a obra de Gergen possibilita. Por fim, como consequência das anteriores, podemos refletir sobre as possibilidades e os desafios que as análises realizadas apresentam para os pesquisadores interessados pelas propostas de Gergen e, mais especificamente, pelo movimento construcionista social.

### *6.1. Um projeto de ciência em transformação*

O projeto científico que Gergen tem construído em sua trajetória profissional tem se transformado constantemente ao longo dos últimos anos. O olhar que direcionei para suas publicações, nesta pesquisa, ainda que generalista, contribuiu para fragilizar a ideia de que seria possível encontrar, nas obras do autor, uma proposta para os processos de produção e investigação do conhecimento que se apresentasse como definitiva ou que oferecesse respostas concretas para questionamentos ontológicos, epistemológicos, metodológicos ou mesmo éticos e morais. E então me deparei com um autor que tem se colocado em questão constantemente, produzindo, inclusive, certo senso de incoerência e incompletude.

Essa reflexão me faz retornar às minhas primeiras aproximações com o projeto construcionista e perceber o risco que corremos ao, tentando nos afastar de uma lógica positivista e experimentalista, depositarmos, no projeto construcionista social, a responsabilidade de fornecer respostas para nossos descontentamentos com as práticas científicas e com os movimentos teóricos tradicionais. Se compararmos as mudanças entre as propostas ontológicas presentes em obras como *Realities and relationships: Soundings in social construction* (1994) e *Relational being: beyond self and community* (2009), por exemplo, o que percebermos é uma mudança das próprias perguntas que

estão sendo feitas. Nessas obras podemos entrar em contato com um Gergen que transita de uma postura de recusa a fornecer respostas ontológicas, para um autor engajado não só em construir uma descrição para um “ser relacional” (Gergen, 2009, p. 32) como em questionar o modo como o uso de determinadas descrições ontológicas em oposição a outras pode influenciar na construção do futuro.

Ao analisarmos a utilização das ideias construcionistas sociais em teses e artigos no Brasil, em outros momentos (Rasera, Vieira & Guanaes-Lorenzi, 2016; Vieira, Rasera & Guanaes-Lorenzi, 2017), alertamos para os riscos de simplificações e associações genéricas ao projeto construcionista social. Tentamos mostrar que esses modos de aproximação e uso com/do discurso construcionista social acabam por desconsiderar a dimensão da obra de Gergen, limitando sua potencialidade para a transformação dos objetos de pesquisa e das metodologias em uso. A pesquisa aqui apresentada corrobora com esses dados, chamando atenção para o cuidado necessário em não se utilizar fragmentos específicos desse projeto, aplicando-os em práticas de pesquisa ou produzindo reflexões que desconsiderem sua abertura para o questionamento e para a constante transformação.

## *6.2. Algumas consequências internas e externas*

Se, por um lado, reconhecer o caráter mutável do projeto científico que está sendo construído por Gergen enfraquece a esperança ilusória daqueles que buscam encontrar aí respostas prontas e acabadas para seus questionamentos, por outro, as características identificadas na forma como o autor se posiciona em suas obras e estrutura seu pensamento podem servir de inspiração para importantes mudanças, tanto para aqueles que se aproximam buscando fomentar e desenvolver o movimento construcionista social, quanto para os que se dedicam à questioná-lo. Isso porque esse

reconhecimento pode servir como abertura às críticas e como motivação para o contínuo questionamento, principalmente quanto às consequências da ciência para as pessoas, dentro e fora da academia.

Podemos encontrar uma dessas possibilidades de mudanças se retomarmos o exemplo das críticas quanto a um possível relativismo moral que, como mostrei, muitas vezes tem sido utilizado como retórica de ataque às ideias construcionistas sociais. A partir de um olhar geral das transformações identificadas ao longo das publicações analisadas, o que percebemos é que a resistência de Gergen em oferecer descrições ou orientações morais explícitas para as práticas científicas não implicam, necessariamente, uma falta de compromisso e posicionamento ético e político. Ao contrário, o que percebemos é que, ao propor o afastamento das práticas científicas como descritoras da realidade, ele desafia os pesquisadores a refletirem sobre o mundo que desejam construir, destacando que esse é um exercício que só pode ser feito se colocarmos nossos valores à frente de cada uma de nossas atividades profissionais.

Dessa forma, o projeto de ciência desenvolvido por Gergen, com todas as suas transformações, continua contribuindo para minar algumas das principais bases de sustentação das práticas tradicionais de produção de conhecimento. Em seu extremo, a metáfora da construção social desestabiliza a crença em um objeto de conhecimento estável e coloca em questão os processos usualmente utilizados para produzir informações sobre esses objetos. Assim, vai se tornando cada vez mais difícil depositar nas práticas científicas a responsabilidade de sustentar, a priori, determinado compromisso ou posicionamento ético, político e moral. O que percebemos com a proposta de uma psicologia visionária e de uma pesquisa formadora de futuro é o fortalecimento de um movimento que busca colocar os pesquisadores à prova, fazendo

com que eles precisem constantemente responder ativamente por suas escolhas, seus objetivos pessoais, suas motivações e intenções.

### 6.3. *Entre desafios e possibilidades*

A preocupação cada vez mais presente de Gergen com a construção do futuro e com o papel do pesquisador nesse processo pode ser recebida com alguma suspeita quanto aos modos a partir dos quais poderíamos seguir nessa direção. Nesse sentido, a proposta de se investir no desenvolvimento performático para as práticas científicas parece contribuir com a ampliação das possibilidades que os usos de diferentes formas de comunicação disponíveis na cultura oferecem para as ciências sociais ao tentarem compreender, explicar e modificar o mundo.

A utilização das habilidades artísticas — como pode ser visto em *Playing with purpose: Adventures in performative social science* (Gergen & Gergen, 2012) — de fato sugere o enriquecimento da ação do cientista social, podendo torná-la mais reflexiva quanto à sua audiência, às audiências que ela exclui e às respostas e mudanças que espera obter. Ainda assim, me parece urgente questionarmos: Os pesquisadores, trabalhando no interior da psicologia social, estão preparados para essas mudanças? Mais importante ainda: nossa formação tem nos possibilitado espaços de reflexão e de desenvolvimento das habilidades e ferramentas necessárias para isso?

As respostas para essas perguntas necessitam de investigações e diálogos profundos, que vão além da discussão proposta nesse trabalho. Ainda assim, me atrevo a anunciar alguns pontos que me parecem fundamentais de serem considerados, caso essa tarefa seja aceita futuramente. Primeiramente, me parece central que continuemos a investir na avaliação das nossas práticas científicas, questionando, principalmente, se o modo como temos nos aproximado do projeto construcionista social tem servido para

romper ou manter formas historicamente cristalizadas de produção de conhecimento. Além disso, parece proveitoso considerarmos o lugar que as histórias pessoais e as trajetórias profissionais dos pesquisadores têm ocupado no fazer científico, buscando valorizá-las e incorporá-las nas escolhas ontológicas, epistemológicas e metodológicas. Por fim, a nossa dedicação à construção de espaços de diálogo precisa tornar-se uma prioridade urgente para os pesquisadores, possibilitando colocar em debate as pesquisas realizadas, de modo que se inclua nessas discussões um número cada vez maior de vozes.

Se considerarmos ainda o maior envolvimento de Gergen com as práticas profissionais e o fortalecimento de seu compromisso com a transformação das relações estabelecidas entre a ciência e a sociedade nos anos mais recentes de sua atuação (Rasera, 2015), somos convidados a não só prosseguir com investigações teórico-metodológicas de suas propostas no futuro, mas a buscar ampliar o alcance desses estudos. A realização da investigação realizada no presente trabalho, ao mesmo tempo em que confirmou a riqueza e a importância da obra de Kenneth Gergen, aponta para a importância de se manter ativas as discussões sobre os desenvolvimentos, limites e potencialidades de suas propostas.

## Referências

- Aceros, J. (2012). Social Construction and Relationalism: A Conversation with Kenneth Gergen. *Universitas Psychologica*, 11(3), 1001–1011.
- Allport, F. H. (1924). *Social psychology*. Boston: Houghton Mifflin.
- Anastasi, A. (1972). The cultivation of diversity. *American Psychologist*, 27, 1091–1099. <https://doi.org/10.1037/h0033983>
- Asch, S. E. (1951). Effects of group pressure upon the modification and distortion of judgments. In H. Guetzkow (Ed.), *Groups, leadership, and men* (pp. 177–190). Pittsburgh, PA: Carnegie Press.
- Asch, S. E. (1952). *Social psychology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Berger, P. & Luckmann, T. (1978). *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Berry, J. W. (1978). Social Psychology: Comparative, societal and universal. *Canadian Psychological Review*, 19, 93–104. <https://doi.org/10.1037/h0081473>
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. Londres: Routledge.
- Burr, V. (1998). Overview: Realism, Relativism, Social Constructionism and Discourse. In I. Parker (ed.), *Social Constructionism, Discourse and Realism* (pp. 13-27). London: Sage Publications.
- Cartwright, D. (1979). Contemporary social psychology in historical perspective. *Social Psychology Quarterly*, 42, 82–93. <https://doi.org/10.2307/3033880>
- Cronbach, L. J. (1975). The two disciplines of scientific psychology. *American Psychologist*, 12, 671–684. <https://doi.org/10.1037/h0043943>
- Elkaïm, M. (1996). Le ‘soi’ en question: Assemblages et voix multiples. Dialogue entre Kenneth Gergen et Mony Elkaïm. *Résonances*, 9, 12-27.



- Faye, C. (2012). American social psychology: Examining the contours of the 1970s crisis. *Studies in History and Philosophy of Biomedical Sciences – Part C*, 43(2), 514-521. <https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2011.11.010>
- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Gergen, K. J. (1967). The significance of skin colour in human relations. *Daedalus Spring*, 390-406.
- Gergen, K. J. (1969). *The psychology of behavior exchange*. Reading, MA Addison-Wesley.
- Gergen, K. J. (1973). Social psychology as history. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26, 309-320. <https://doi.org/10.1037/h0034436>
- Gergen, K. J. (1974). Multiple identity. *Psychology today*, 5, 31-35.
- Gergen, K. J. (1978a). Experimentation in social psychology: A reappraisal. *European Journal of Social Psychology*, 8, 507-527. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420080407>
- Gergen, K. J. (1978b). Toward generative theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 1344-1360. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.36.11.1344>
- Gergen, K. J. (1979). The positivist image in social psychological theory. In A. R. Buss (Ed.). *Psychology in social context*. (pp. 193-212). New York: Irvington Publishen.
- Gergen, K. J. (1982). *Toward Transformation of Social Knowledge*. New York: Springer Verlag.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.40.3.266>
- Gergen, K. J. (1991). *The Saturated Self – Dilemmas of Identity in Contemporary Life*. New York: Basic Books.

- Gergen, K. J. (1994). *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gergen, K. J. (1997). Social psychology as social construction: The emerging vision. In: McCarty C., Haslam A. (eds) *The message of social psychology: Perspectives on mind in society* (pp. 113-128). Oxford, England: Blackwell.
- Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. London: Sage.
- Gergen, K. J. (2009). *Relational being*. Oxford: Oxford University Press.
- Gergen, K. J. (2014). From mirroring to world-making: Research as future forming. *Journal for the theory of social behavior*, 45, 3, 287-310.  
<https://doi.org/10.1111/jtsb.12075>
- Gergen, K. J. (2016). Toward a visionary psychology. *The humanistic psychologist*, 44, 1, 3-17. <https://doi.org/10.1037/hum0000013>
- Gergen K. J. & Gergen M. M. (1991). Toward reflexive methodologies. In: Steier F. (ed.) *Research and reflexivity* (pp. 76-95). London: Sage Publications.
- Gergen, M. M. & Gergen, K. J. (2012). *Playing with Purpose: Adventures in performative social science*. California: Left Coast Press.
- Greenwood, J. D. (2004). *The disappearance of the social in american social psychology*. New York: Cambridge University Press.
- Greenwood, J. D. (2008). *A conceptual history of psychology*. New York: The McGraw-Hill Companies.
- Harré, R. (2006). *Key thinkers in psychology*. London: SAGE Publications Ltd.
- Hergenhahn, B. R. & Henley, T. B. (2014). *An introduction to the history of psychology*. Belmont: Wadsworth.
- Hibberd, F. J. (2005). *Unfolding Social Constructionism*. New York: Springer.
- House, J. S. (1977). The three faces of social psychology. *Sociometry*, 40, 161–177.

<https://doi.org/10.2307/3033519>

- Levine, M. (1974). Scientific method and the adversary model: Some preliminary thoughts. *American Psychologist*, 29, 661–667. <https://doi.org/10.1037/h0037627>
- Lock, A. & Strong, T. (2010). *Social constructionism. Sources and stirrings in theory and practice*. New York: Cambridge University Press.
- McNamee, S. & Gergen, K. J. (1998). *Relational responsibility: Resources for sustainable dialogue*. Thousand Oak: Sage Publications.
- Milgram, S. (1963). Behavioral study of obedience. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67, 371–378. <https://doi.org/10.1037/h0040525>
- Misra, G. (1993). Psychology from a constructionist perspective: An interview with Kenneth J. Gergen. *New ideas in psychology*, 2(3), 399-414.  
[https://doi.org/10.1016/0732-118X\(93\)90010-B](https://doi.org/10.1016/0732-118X(93)90010-B)
- Moscovici, S. (1972). Society and theory in social psychology. In J. Israel and H. Tajfel (Eds.), *The context of social psychology* (17-68). London: Academic.
- Parker, I. (1989). *The Crisis in Modern Social Psychology – and how to end it*. London: Routledge.
- Parker, I. (1998). *Social constructionism, discourse and realism*. London: Sage Publications.
- Pepitone, A. (1976). Toward a normative and comparative biocultural social psychology. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34, 142–148.  
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.34.4.641>
- Pepitone, A. (1981). Lessons from the history of social psychology. *American Psychologist*, 36, 972-985. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.36.9.972>
- Pickren, W. E. & Rutherford, A. (2010). *A history of modern psychology in context*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

- Rasera, E. F. (2015). *Do socioracionalismo a uma teoria relacional: o projeto construcionista social na obra de Kenneth Gergen*. Projeto de pesquisa não publicado.
- Rasera, E. F.; Vieira, E. N. Jr. & Guanaes-Lorenzi, C. (2016). Notas sobre os estudos construcionistas sociais sobre gênero e sexualidade no Brasil. In. M. N. Strey & S. D. Cúnico (Orgs.). *Teorias de Gênero – Feminismos e Transgressão* (pp. 110-131). Porto Alegre: ediPUCRS.
- Samelson, F. (1974). History, origin myth and ideology: “Discovery of social psychology.” *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 4, 217–231.  
<https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1974.tb00338.x>
- Sherif, M. & Sherif, C. (1969). *Social psychology*. New York: Harper & Row.
- Triandis, H., Malpass, R. S., & Davidson, A. R. (1973). Psychology and culture. *Annual Review of Psychology*, 24, 335–378.  
<https://doi.org/10.1146/annurev.ps.24.020173.002035>
- Vieira, E. N. Jr.; Rasera, E. F. & Guanaes-Lorenzi, C. (2017). Educação como construção social: Aproximações entre Construcionismo Social e educação na literatura brasileira. In E. F. Rasera; K. Taverniers & O. Vilches-Álvarez (Eds.). *Construccionismo Social en acción: Prácticas inspiradoras en diferentes contextos* (pp. 317-342). Chagrin Falls: Taos Institute Publications /WorldShare Books.
- Watson, J. B. (1924). *Behaviorism*. New York: Norton.
- Wittgenstein, L. (1963). *Philosophical investigations* (G. E. M. Anscombe, Trans.). New York: Macmillan.